poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

1964 - O SONHO ESTAVA SÓ COMEÇANDO...

Um guia de como comprar Rock Sulista

nektar

flutuando no oceano progressivo

Lanny Gordin

Um mestre na penumbra

profundo na boa música

Gov't Mule

Missão na Área 13

entrevista com

PATRULHA DO ESPAÇO

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

☎ (11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

Music & Arts
Imagens Que Tocam
musicartscds@hotmail.com

SUA NOVA OPÇÃO EM BOA MÚSICA

CDs & DVDs
Compra - Venda - Troca

Rock 50, 60 e 70 - Jazz - MPB - Eletrônico

fones: (11) 3283-2581 / 3253-4056
Av. Paulista, 1499 - loja 26 - Galeria Trianon - São Paulo - SP

Jardim Elétrico
CDs & LPs
www.jardimeletrico.hpg.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

Tudo Em Nome Do Rock & Roll

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as
LP's & CD's - Compra & Venda
Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio
80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

RELICS DISCOS
CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados
Enviamos pelo correio para todo o Brasil
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs
www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br
Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP
free note

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

Projetos de Acústica
Home Studios, Salas de Ensaios e Estudo
Soluções Profissionais
atendendo sua necessidade por preços acessíveis
Isolação – Tratamento – Medição
Tom Saboia: (11) 3078-0057 / 3167-3493

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's
(51) 3228-7053
Compra - Venda - Troca
Novos e Usados
Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

point rock
raridades
CDs - LPs - DVDs - LDs
compra venda troca
(31) 3212-3097
Rua Rio de Janeiro,630 - lj 64-65 -2ºandar-Galeria Praça 7-B. Horizonte-MG

Wallace Collection

Daydream - janeiro de 1969

O Wallace Collection pode ser considerado uma pérola da psicodelia brega do final dos anos 60. A banda surgiu na Bélgica e tinha como curiosidade, uma habilidade incrível para mesclar melodias pop com guitarras, passagens jazzísticas e fragmentos de música erudita. Na formação do grupo, dois jovens cuidavam dos violinos e violoncelos, Raymond Vincent e Jacques Hamotte, que eram também membros da Orquestra Filarmônica Belga! O restante do pessoal era Marc Herout (pianista com bagagem Jazz), Sylvain Vanholme na guitarra, Christian Janssen no baixo e Freddy Nieuland na bateria e vocais. Antes de formarem o Wallace, esses garotos já haviam tocado em diversas bandas belgas como o Sylvester's Team, o 16th Century e o Stradivarius.

Partem para Londres em 1968, onde começam a gravar um disco nos estúdios da EMI, com produção de David Mackay. Durante as sessões, num momento de folga, durante a visita a um museu, adotam o nome Wallace Collection. O nome da estréia em LP é *Laughing Cavalier*, que junto ao compacto de "Daydream" colocou a banda nas paradas de sucesso em mais de 20 países, inclusive aqui no Brasil, onde o compacto da música foi lançado em 1969.

Um concorrido concerto no templo da música erudita inglesa, o Wigmore Hall, deixou a platéia boquiaberta e a reputação do grupo não poderia ser melhor quando lançaram seu segundo álbum, *Serenade*, que também saiu por aqui em 1970 pela Odeon, com capa sanduíche, mono e com o nome de *Wallace Collection*.

São convidados para a MIDEM 70, feira anual da indústria fonográfica realizada em Cannes, no sul de França, e mais uma vez arrancam elogios da imprensa e de produtores musicais do mundo inteiro. Na ocasião gravam uma trilha sonora, chamada *La Maison*.

Um crítico inglês chegou a declarar que o Wallace Collection estava quilômetros à frente de bandas como o Moody Blues, Procol Harum e o Deep Purple, no quesito mescla de rock com música erudita, uma tendência bastante utilizada no final da década de 60.

Apesar de tanta badalação, o grupo sofria bastante com a pressão da gravadora em exigir um outro hit com o mesmo impacto de "Daydream". Isso foi minando a resistência da banda, que veio a encerrar as suas atividades em 1971. O baterista e vocalista Freddy Nieuland, detinha os direitos de uso do nome, e continuou gravando como Wallace Collection. Raymond Vincent formou o Esperanto, outra banda de sucesso em muitos países. Já Sylvain Vanholme tornou-se um renomado produtor na Bélgica.

Onde achar: compacto EMI Odeon 1969

Mungo Jerry

In The Summertime - setembro de 1970

Essa banda é um "One Hit Wonder" por natureza. Um grupo de um só sucesso, mas, na verdade, um senhor sucesso que até hoje ainda faz a cabeça de muita gente por aí.

Com um nome extraído de um poema, o Mungo Jerry era capitaneado por um fanático dos primeiros anos do Rock N' Roll, Mr. Ray Dorset. Além do Rock, o garoto ouvia muito Blues e Skiffle, o que veio a moldar sua personalidade musical quando bem jovem.

Em 1970, Dorset descola um contrato com a Pye Record's e convoca seus amigos Mike Cole para o baixo, Paul King na guitarra e Colin Earl nos teclados, sendo que esse último e Dorset já haviam tocado juntos no Good Earth (não confundir com o grande Rare Earth), uma banda fiel ao blues e ao rock básico.

Naquele começo dos anos 70, o Mungo Jerry soava bem diferente das bandas inglesas da época e isso não impediu que o compacto de "In The Summertime" batesse direto no número um das paradas, onde permaneceu por boa parte daquele verão. O destaque da canção ficava por conta de um instrumento nunca antes utilizado no Rock: uma jarra! Paul King era o encarregado de tirar aquele grave ao assoprar a jarra de vidro. Loucura!

Shows como aquele no Newcastle Hollywood Festival só melhoravam a reputação do grupo que passou a ser convidado para programas de TV e shows por toda a Europa. Com o sucesso à toda, terreno conquistado e fãs pelo mundo inteiro, era hora de lançar o primeiro e homônimo álbum, *Mungo Jerry*. Dessa vez era a América que se rendia ao seu irresistível sucesso.

No Brasil o grupo também ficou bastante conhecido com "In The Summertime", e fontes garantem que o compacto vendeu mais de 10 milhões de cópias mundo afora (um fenômeno para a época). Nos anos 70 andaram rolando até uns boatos que a banda se apresentaria por esses lados, algo que infelizmente nunca se concretizou.

Em 1972, Dorset convida dois integrantes da banda Chicken Shack (aquela maravilha do Blues Britânico) para ingressarem no Mungo Jerry, o baterista Paul Hancox e o baixista Bob Daisley (que depois tocaria no Rainbow, Uriah Heep, nas bandas de Ozzy e Gary Moore etc.)

Infelizmente a banda nunca conseguiu emplacar outro sucesso e "In The Summertime" se tornou um "fantasma" que eternamente assombraria até mesmo a carreira solo de Ray Dorset. Onde quer que o moço toque, se não rolar "In The Summertime" a platéia quebra o pau!

Onde achar: Very Best of Mungo Jerry/CD [Sanctuary] 2002

Bento Araújo, 27 anos, é jornalista e fanático por música em geral. Adora escrever, vasculhar sebos e lojas de discos e tocar contra baixo.

Editor, redação, arte, diagramação, Marketing publicitário e Jornalista Responsável : Bento Araújo Mtb 38.344

Contato, anúncios e números atrasados:
poeirazine@hotmail.com ou pelo (11) 9526-7947
Blog: www.poeirazine.blogger.com.br
Todas as matérias são de autoria do editor exceto as indicadas

Colaboraram nesta edição: Paulo Cavalcanti, Ayrton Mugnaini Jr. Nilia e Paulo Angelo Pepe, Vladimir Dantas e Rafael Martinelli
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Capa e contra-capa: Carol Penna e Bento Araújo
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Vô, Vó, Patrícia Grillo (thanks God!), José (thanks for the book), Júlia, Ray, Rogério, Víctor Page (Kirke much better than Bonham), Paulo Cavalcanti, Diaz, João Pacheco (thanks for nice boomerang pic), Cadinho e Tomada, Sérgio E. Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Nélson, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, George, João Paulo Andrade, Luiz Barata, Menino Wilson, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson e Zé, João Flowers, Ernando e Jorge, Amadeu, Júnior e a Patrulha toda, Dr. Rock, Marco FN, Mário e Marcos, William, Getúlio, Alê Floripa, Gastão Moreira, Luiz Roots, Isaac e Ivan, Jardel e Marcos, Mutuca, Lauro Muller, Luis Classic Rock, Porshe, Fernando PL, Alcides, Jorge "Rocker", Orlando, Márcio, Júlio Curitiba, Daniel Atibaia, Fábio Araújo (xará de Goiânia), Rafael Martinelli, Marcão e Andréia (RS), Lucilla, Cris e Hernani (SC), Walter e Roger, Lito, Mano Bap (nice shirt man'), Marcelo Ringel and All Scrutinizer, Tom Saboia, Teca e Sérgio, Donizeti, Marcelo Romeiro, Jean Metal, Róbson e Fátima, Sérgio Rivers, Valdir, Carlinhos Hrosa, Alexandre e João.

40 anos da Invasão Britânica !

e o mundo jamais seria o mesmo

A Invasão das bandas inglesas na América completa 40 anos em 2004. Esse ponto é crucial para compreendermos a história do fenômeno Rock, que assolou o século XX. Com a chegada dos Beatles no aeroporto internacional de Nova Iorque naquele 07 de fevereiro de 1964, o mundo nunca mais seria o mesmo e o Rock passaria a ser não só um estilo musical, mas estilo de vida, de comportamento e inspiração que seria garantidada ainda por muitos e muitos anos.

Foi o impulso definitivo, o ato que cravou de vez o Rock N' Roll na história do Planeta Terra...

A coisa andava feia pela América...

O nascimento do Rock como estilo data de 1956. Os pioneiros e mais importantes nomes dessa década são facilmente lembrados por quem pelo menos conhece um mínimo do assunto: Chuck Berry, Little Richard, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Gene Vincent, Eddie Cochram, Buddy Holly, Carl Perkins, Bo Didley etc.

Dois anos depois da febre inicial, em 1958 o estilo já passava por sua primeira crise, com Elvis se alistando no Exército e colocando sua carreira musical na geladeira. Pouco depois, Chuck Berry e Jerry Lee Lewis aprontavam abusando de menores, roubando carros e se aventurando pelo mundo do crime. A lei atrapalhava cada vez mais nossos astros. Tragédias haviam levado Eddie Cochram e Buddy Holly. Já a "rainha do rock", Little Richard, havia abandonado a música para se tornar pastor, depois de uma promessa realizada às pressas num vôo turbulento.

Para completar tamanha desgraça, naquele início dos anos 60 o mundo da música vinha sendo dominado por artistas certinhos e caretas demais como Frankie Avalon, Fabian, Paul Anka e Neil Sedaka. O Rock era, definitivamente, coisa do passado. Só quem era marginal ainda estava curtindo aquele "barato ultrapassado". Era o fim, na América o Rock estava morto e enterrado...

Na Inglaterra era um pouco diferente...

Os jovens ingleses eram "ligeiramente" diferentes dos norte-americanos em alguns aspectos. Eles também idolatravam Elvis, Berry e Richard, porém conheciam e eram fissurados por caras como James Brown e Muddy Waters, que na América eram artistas restritos ao público negro. Os garotos conheciam a fundo os mais diversos estilos da música norte-americana, Blues, Country, Rock N' Roll, Soul e Folk.

Depois da segunda guerra mundial, os jovens britânicos adotaram os hábitos da América como modelo e isso começou a refletir no estilo da rapaziada.

Os LP's chegavam na Inglaterra trazidos por marinheiros, e nas cidades portuárias como Liverpool, uma pequena cena de aficionados começava a surgir. Cada bolacha era disputada a tapa, e como estes artistas raramente vinham tocar naquele lado do Atlântico o jeito era descolar instrumentos e começar a tentar fazer um som parecido com o dos seus ídolos.

Na Inglaterra do fim dos anos 50 um estilo começou a chamar a atenção da garotada – o Skiffle. Um escocês chamado Lonnie Donegan era o maior nome do estilo que nada mais era do que uma nova roupagem para antigas canções folk, com banjos, guitarras acústicas e interpretações com um certo ar de confiança. Era um estilo que qualquer jovem poderia se aventurar sem medo de soar "babaca", e isso aliado às influências vindas da América foi a base que os jovens ingleses precisavam para começar a criar sua própria música. Na cena britânica de Rock da virada dos anos 50 para os 60 havia muitos galãs como Tommy Steele, Adam Faith, Cliff Richard etc. Um ídolo para os mais selvagens era Johnny Kid and the Pirates que tinha como hit a visceral "Shaking All Over".

O panorama das influências

Podemos então dividir a Invasão Britânica em 2 grupos. O grupo das bandas influenciadas pelo Skiffle que eram os Beatles, Gerry and the Pacemakers, Searchers, Swinging Blue Jeans etc. E o grupo das bandas inflenciadas pelo Blues e pela música negra norte-americana: os Rolling Stones, Animals, Yardbirds, Them, Spencer Davis Group etc. Sofrendo esse mesmo tipo de influências, o movimento Mod, formado basicamente por jovens contestadores e violentos, trajados em ternos impecáveis, também gerava cada vez mais adeptos. Os principais representantes dessa turma eram o Who, o Small Faces e o Creation.

the beatles

a invasão do novo território graças a uma questão de pura teimosia

Quando os Beatles bateram o pé afirmando para seu empresário Brian Epstein que só visitariam a América com uma canção no primeiro lugar das paradas, mal sabiam eles o pandemonio que causariam na terra do Tio Sam.

Os ingleses tinham péssima reputação nas paradas de sucesso dos EUA, o máximo que conseguiam era um terceiro ou segundo lugar sempre ficando atrás de artistas como Frankie Avalon ou Fabian. Para os Beatles uma visita precipitada para a América seria como "descer um degrau" na popularidade tão duramente conquistada. A Inglaterra e grande parte da Europa já estava na mão dos rapazes. A América seria um outro passo, que só deveria ser dado no momento certo.

O produtor George Martin não acreditava que os compactos de seus meninos ainda não tinham obtido sucesso na América. Ele negociou com pequenas gravadoras locais como a VJ e a Swan as bolachinhas da banda, lançando-as no exigente mercado americano, mas o impacto nas paradas se comparado com a febre no velho continente era risível.

Engraçado mesmo foi o fato da Capitol, que antes tinha recusado lançar os Beatles na América, se empolgou com o barulho feito pelos garotos na Europa e resolveu lançar "I Want To Hold Your Hand", que foi direto para o topo da parada norte-americana. O astuto Brian Epstein fechou contrato com a Capitol exigindo que a gravadora investisse 70 mil dólares em divulgação (na época uma fortuna!). Faltava só arrumar as malas...

a chegada da primeira tropa

Em janeiro de 1964, antes mesmo da chegada da banda, as maiores revistas da América já davam capa aos Beatles: Time, Life e Newsweek. O fenômeno já era anunciado com antecedência e nessa mesma época os garotos recebiam a notícia de que "I Want To Hold Your Hand" era primeiro lugar nos EUA. Como estavam em tour pela França a viagem acabou ficando para o mês seguinte.

"Se houve um momento decisivo na carreira deles, uma data que mudou o futuro da banda foi o dia em que pousaram no aeroporto internacional de Nova Iorque, para receber uma acolhida sem igual na história", declarou Brian Epstein.

Esse momento aconteceu no dia 07 de fevereiro de 1964. Milhares de fãs no aeroporto esperavam seus novos ídolos, uma loucura nunca vista antes fosse para um artista, esportista ou até mesmo líder religioso.

Dois dias depois veio a prova do sucesso da banda com a apresentação no The Ed Sullivan Show, na rede de TV CBS. O episódio se tornou um marco na vida das pessoas e a TV norte-americana jamais havia alcançado tamanha audiência. Até mesmo Elvis Presley mandou um telegrama para o programa desejando boa sorte aos rapazes na América. O país parou durante aqueles pouco mais de dez minutos. As delegacias de polícia não registraram nenhuma ocorrência durante o programa, impressionante!

Cinco compactos e três LP's da banda estavam entre os mais vendidos na América.

Chegada triunfal na América: aparições inesquecíveis no The Ed Sullivan Show, o compacto de "I Want To Hold Your Hand" que começou tudo e uma lembrancinha da gravadora VJ aproveitando a passagem dos garotos pelos EUA

Blackbird Music Shop

www.blackbird.com.br

CDs, DVDs e Livros

Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB

Telefax: 3141-9690

Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50,60 e 70

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

viagem inspiradora

Logo depois da apresentação no Ed Sullivan Show, os Beatles pegaram um trem para Washington D.C. carregado de jornalistas, repórteres e pessoas ligadas à indústria fonográfica. Esse episódio acabou servindo de inspiração para o filme A Hard Day's Night, que seria rodado ainda naquele ano.

O show no Washington Coliseum foi, no mínimo, caótico, com o palco parecendo um ringue de boxe,e milhares de garotas berrando em volta. O barulho era tanto que a banda precisou tocar uma música em cada canto do palco para todos poderem ouvir ao menos alguma nota. O interessante é que eles mesmos movimentavam a bateria, os amplificadores e microfones, atitude rock 'n roll total!

O mundo parecia não estar preparado para os Beatles. O mundo da música com certeza não. Os amplificadores não davam conta dos gritos da garotas. Não existia sistema de P.A. (aquelas torres que transmitem o som dos amplificadores para a platéia) e tudo que envolvolvia música ainda era tratado de forma amadora.

carência com loucura pode dar certo?

O povo americano passava um período muito delicado em sua história. O Presidente Kennedy havia sido assassinado recentemente, em novembro de 1963, milhares de jovens agonizavam no Vietnã e os conflitos raciais manchavam o país de sangue. Algo que distraísse as pessoas fazendo-as esquecer um pouco a dura realidade era o que mais precisavam e os Beatles se transformaram em sinônimo de entretenimento. A paixão das pessoas para com esses novos astros era algo fenomenal.

Em julho de 1964 é lançado o filme *A Hard Days Night*, mostrando o dia-a-dia maluco da banda. Uma trilha sonora contando somente com composições próprias acompanhava o filme e serviu para cimentar a Beatlemania no resto do mundo, inclusive no Brasil onde *Os Reis do Iê Iê Iê* (é assim que está escrito na capa do LP) causaram febre meses depois.

A segunda tour pela América teve como ponto alto a apresentação no Hollywood Bowl, que viraria disco ao vivo anos mais tarde, já que na época as fitas foram arquivadas, pois tudo o que se ouvia nos tapes eram gritos e berros histéricos. É nessa época também que ocorreu o primeiro encontro dos rapazes com Bob Dylan. Esse fato veio a ser muito comentado até os dias de hoje, pois dizem que o Dylan abriu a mente dos garotos com um bom fumo e papo envolventes. Depois deste encontro nossos garotos nunca mais seriam os mesmos.

A Beatlemania continuava a mil. Todos queriam tocá-los, e guardar uma lembrança que tivesse relação com seus ídolos. As pessoas traziam crianças deficientes e aleijados para serem "tocadas" pelos Beatles, a situação estava começando a ficar preocupante.

mais cinema e fama

Em 1965 sai o segundo filme estrelado pela banda: *Help!* A fama já sufocava os rapazes e a letra de "Help" mostra bem isso. Lennon enfrenta uma forte depressão e a trilha que acompanhava o filme também traz momentos mais introspectivos e até depressivos como "You've Got To Hide Your Love Away", "Yesterday" e "I've Just Seen A Face" (o papo com Dylan começava a dar resultado).

O sucesso na América era tanto, que teatros e ginásios já não comportavam mais os fãs da banda. O jeito foi organizar um show em um estádio, a céu aberto mesmo, e em agosto daquele ano é realizado o primeiro grande concerto de Rock ao ar livre no Shea Stadium, em Nova Iorque, para um público recorde de 55 mil pessoas. A Vox cria novos amplificadores de 100 Watts para serem estreados no Shea Stadium e o som saído dos aparelhos e dos microfones é transmitido nos alto-falantes ao redor do estádio. Esta foi a única forma de se conseguir ouvir algo em meio à toda aquela histeria.

encontro histórico

Dessa vez Elvis queria conhecer os rapazes, e como os Beatles sempre foram fãs do rei do Rock o encontro foi arranjado em uma das mansões do cantor em Bel Air, Los Angeles. Harrison e Lennon contaram depois que Elvis ficou assistindo TV o tempo inteiro enquanto tocava um contra-baixo Fender. A verdade é que tanto Elvis quanto os Beatles nunca mais fizeram questão de se encontrar novamente e algum tempo depois a banda acabou descobrindo que, temendo perder terreno para os cabeludos ingleses, Elvis, que era muito ligado à CIA e aos políticos de seu país, havia tentado banir os Beatles da América. O fato é que nem o Rei foi páreo para a Beatlemania.

Relíquias da passagem dos Beatles pela América

www.aqualung.com.br

Aqualung
Records LTDA.
Audio e Vídeo

HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70

Enviamos para todo o Brasil via correio

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 e-mail:aqualung@aqualung.com.br

MEDUSA RECORDS
Raridades do Séc. XX

CD
DVD
LP
LIVROS
REVISTAS

COMPRA - VENDA - TROCA

PSICODÉLICO - HARD ROCK
PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
HEAVY METAL

Atendemos via correio para todo o Brasil via correio

Fone/Fax: (11) 223-9845

Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

The times they are changin'

Em dezembro de 1965 os Beatles lançam *Rubber Soul*, um marco da história do Rock. Clima totalmente diferente dos anteriores, instrumentos acústicos, cítara e letras introspectivas eram a tônica do genial trabalho. Para sedimentar a boa fase que atravessava, a banda lança simultaneamente na Inglaterra o compacto com dois temas não incluídos no disco: "Day Tripper/We Can't Work It Out", ambos hits instantâneos.

Durante o ano de 1966 os shows vão ficando cada vez mais tensos e onde quer que eles toquem começam a acontecer protestos e tumultos.

Na Indonésia recusaram um convite da realeza local para um encontro e foram expulsos aos chutes do país. Depois de três anos com o mundo aos seus pés, pela primeira vez uma nação se virava contra eles. Até o dinheiro arrecadado com os shows teve de ser devolvido e quase que eles não voltam para casa em meio a tanta confusão.

Basta de fama

Para piorar ainda mais a situação, uma revista "Teen" na América resolve reproduzir uma entrevista de Lennon dada à imprensa inglesa há alguns meses antes, na qual ele dizia que os Beatles eram mais famosos do que Jesus Cristo. A declaração cai como uma bomba nos EUA, principalmente no chamado "cinturão da Bíblia", ou seja, os conservadores estados do Sul.

Começava uma onda de rejeição enorme a banda. Discos eram queimados, ameaças de morte eram feitas e os shows passaram a ser boicotados. A imprensa norte-americana dá o fenômeno Beatles como encerrado. A fama dos Beatles havia chegado a um ponto insustentável. O preço começava a ser cobrado e não era nada barato.

Revolver é lançado e leva a banda próxima ao limite da criação (se é que existia limites para a criação numa banda liderada com maestria por uma dupla como Lennon e McCartney). O interesse pelos shows ao vivo cai vertiginosamente. O trabalho em estúdio se tornava tão complexo e intenso que era impossível reproduzir ao vivo tamanha genialidade.

O último show da banda acontece no dia 29 de agosto de 1966, no Candlestick Park, em São Francisco e a banda sente um alívio não experimentado desde 1962. Lennon parte para Espanha para fazer um filme com Dick Lester, seguido por Ringo que vai visitar o amigo. Harrison vai para a Índia e McCartney fica compondo trilhas sonoras em casa. Tudo o que eles queriam era estar longe da América naquele exato momento. A invasão já não causava o mesmo impacto.

VOICEPRINT
www.voiceprint.com.br
Visite este site e veja o que está fazendo a diferença na música da Inglaterra.
Todos os meses, lançamentos imperdíveis!
tel / fax: (11) 5533 5908
São Paulo, Brasil
VOICEPRINT
GROUP OF COMPANIES

Cactus Records
LP's - CD's - DVD's
Novos e Usados
COMPRA VENDA E TROCA
TEL: (11) 3362 2783
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar/ Sala 281/ São Paulo

COLLECTORS Rock Fair
LPs - CDs - VHS - DVDs - Livros - Gibis
Importados - Raros - Fora de catálogo
compra - venda - troca
Camisetas - surf ware - skate e acessórios
Tel: (11) 5581-0476
Av. Jabaquara, 973, sobreloja - Pça da Árvore - São Paulo - SP

the rolling stones

Esse quinteto de Londres era a única banda que poderia ameaçar o reinado dos Beatles nos anos dourados da Invasão Britânica. Àquela altura do campeonato ou você era fã dos Beatles ou era fã dos Stones. Não existia meio termo. Não tinha como ser Palmeirense e Corintiano ao mesmo tempo.

Os Stones vinham de uma escola diferente da escola dos Beatles. As pedras rolantes eram da turma do rhÿthym n' blues, verdadeiros fanáticos pelo blues elétrico de Chicago e tinham um visual mais rebelde do que os "caras de Liverpool".

Na onda do sucesso dos Beatles, partem para a América em junho de 1964, com o disco de estréia na bagagem (lançado por lá em maio) e um repertório de covers como "I Just Want To Make Love To You", "Route 66", "Mona", "Walking the Dog", "Not Fade Away" e "I Wanna Be Your Man" (oferecida pelos próprios Beatles).

A tour foi recheada de altos e baixos, alterando platéias alucinadas com salas vazias em alguns estados do meio-leste norte-americano. Eles não poderiam deixar de dar uma passada em um autêntico santuário do Blues, o estúdio da Chess, em Chicago. Lá gravam o single "It's All Over Now", o EP *Five By Five*, e parte do material do segundo disco norte-americano da banda, *12X5*, sucesso absoluto por aqueles lados. Um dos ídolos dos garotos, Muddy Waters, deu até uma mãozinha ajudando os meninos a carregarem a aparelhagem pra dentro do estúdio.

A segunda tour pela América acontece em outubro daquele mesmo ano e por onde a banda toca tumultos acontecem. Brian Jones começa a dar sinais de sua fragilidade, perdendo alguns shows devido a problemas de saúde. Uma versão para "Little Red Rooster", de Willie Dixon vai direto para o número um das paradas, tendo se tornado famosa, inclusive, após ser considerada pelo próprio Brian Jones a melhor performance da "nova fábrica inglesa de hits".

Em 1965 lançam três discos na América, *The Rolling Stones Now*, *Out Of Our Heads* e *Decembers Children (And Everybody's)*, juntamente com um punhado de compactos de sucesso como "Heart Of Stone", "Get Off My Cloud", "As Tears Go By" e o maior hit deles (e um dos maiores da invasão britânica) "(I Can't Get No) Satisfaction".

Em 1966 sai *Aftermath*, que na versão americana, trazia "Paint It Black" como carro chefe, além de maravilhas como "Under My Thumb", "Out Of Time" (sucesso na Inglaterra também com Chris Farlowe) e "Lady Jane".

Na América, até os dias atuais, os Stones são sinônimo do autêntico Rock N' Roll inglês.

Os animais do Rock nasceram na verdade de uma amizade entre dois garotos, Eric Burdon e John Steel. A dupla tocava em bandas de Jazz na época de colégio até que Steel foi tocar com o Alan Price Combo, em 1959. Em 1963 Steel convida Burdon a integrar o grupo, sendo que a primeira coisa que fazem nessa nova empreitada é mudar o nome da banda para The Animals. O resto da turma era formado pelo próprio Alan Price no órgão, Hilton Valentine na guitarra e Bryan "Chas" Chandler no baixo. Os Animals começaram a chamar atenção pela sua performance no palco. Eram selvagens e faziam versões de clássicos de Chuck Berry, Bo Didley e Jimmy Reed.

Resolvem se mudar para Londres quando os "urubus" da indústria fonográfica começam a rodeá-los com atraentes propostas. Mickie Most acaba conquistando a confiança dos rapazes e descola de cara um contrato com a Columbia.

Depois de um par de compactos nada acertados, resolvem gravar uma antiga canção que falava sobre um bordel de New Orleans, o House of The Rising Sun. No início, a Columbia recusou lançar a canção como compacto. A gravadora não apostava na longa duração da música, já que na época os hits não ultrapassavam os 3 minutos. De tanto a banda insistir o compacto acabou saindo e deu no que deu...

O disquinho vendeu 250 mil cópias em apenas três dias na Inglaterra, uma marca assustadora para a época. No Brasil a "Casa Do Sol Nascente" também vendeu horrores, colocando os Animals entre as preferências da rapazida da terra do samba. Outra genial sacada foi lançar uma versão editada da música no compacto norte-americano. A jogada foi realizada especialmente para atender ao formato Jukebox, que tocava disquinhos com faixas de curta duração. Todas as lanchonetes da América já poderiam tocar a Casa do Sol Nascente.

O primeiro LP vem em dezembro de 1964, mas o estouro acontece mesmo em fevereiro de 1965, quando emplacam "Don't Let Me Be Misunderstood", versão para a canção de Nina Simone. A moça fica furiosa com os rapazes, sendo que a versão deles fez muito mais sucesso entre os jovens. O vozeirão e a presença de Eric Burdon eram, definitivamente, um diferencial entre várias bandas da época. Isso só veio a se confirmar em outros sucessos do grupo como "We've Gotta Get Out Of This Place", "It's My Life" e "Don't Bring Me Down".

Em setembro de 1966, Burdon, entupido de LSD, resolve acabar com tudo e forma o The New Animals. Chas Chandler descobre e leva um jovem Jimi Hendrix para a Inglaterra e Hilton Valentine vira budista e fica trancado num templo na Escócia.

por Vladimir Dantas

O Kinks tem origem em 1962 com base em um núcleo constituído pelos irmãos Ray Davies (junho 21, 1944) e Dave Davies (fevereiro 3, 1947).

Inicialmente o grupo foi batizado "The Ray Davies Quartet" que incluía, além dos irmãos nas guitarras, Pete Qualfe no baixo e o baterista John Start.

Paralelamente a sua banda, Ray participou também do grupo de blues "Hamilton King/Dave Hunt Band", ajudado pela influência de Alexis Korner.

Em fevereiro de 1963 o grupo troca de nome passando a se chamar "The Ravens" influenciado pelo filme The Raven (baseado no conto 'O Corvo' de Edgar Allan Poe), com Vincent Price. Junto com os Rolling Stones participam ativamente do circuito R&B de Londres.

O nome da banda é finalmente trocado para "The Kinks" agora por influência de Robert Wace (junto com Grenville Collins e Larry Page, empresário do grupo). Em novembro trocam de baterista: entra Mick Avory (fevereiro 15, 1944).

Em dezembro se apresentam pela primeira vez como "The Kinks", e em janeiro de 1964 assinam contrato com a Pye Records, gravando suas primeiras 4 músicas. Destas sessões sai seu primeiro single, "Long Tall Sally", em fevereiro. Um segundo single também não acontece: "You Still Want Me". É somente com o terceiro single, "You Really Got Me", que eles chegam ao topo das paradas inglesas após uma surpreendente apresentação no programa "Ready, Steady, Go!". Este single chega ao #7 nos EUA. Em setembro acontece o lançamento do primeiro LP nos EUA, *You Really Got Me*.

O som do grupo é marcado por uma presença forte da guitarra de Dave, ao mesmo tempo em que as composições de Ray trazem uma originalidade marcante. O grupo passa a freqüentar assiduamente as paradas e o circuito de shows na América.

É irônico que uma das bandas inglesas mais respeitadas e mais carregadas de motivos bem "british" nos temas de suas canções tenha obtido sucesso, admiração e fortuna nos EUA; enquanto o Kinks lotava grandes locais de shows na América, na Inglaterra, pequenos clubes eram suficientes para seus seguidores ingleses. Ray sempre compôs para satirizar o velho Império Britânico, seus emblemas e cenas cotidianas. Ele assumia a figura de um roqueiro herdeiro da tradição de um Oscar Wilde na literatura: dramatiza ao extremo o ranço da era vitoriana ao mesmo tempo em que ironiza os mauricinhos da nova geração. Mais tarde, em sua obra, através de álbuns conceituais (*Village Green* em 1967, *Arthur* em 1968 e outros já nos anos 70) Ray mostra com brilho este seu lado irônico e crítico. Entre 1964 e 1966 uma seqüência grande de canções atiravam os dardos de Ray em várias direções: "Dedicated Follower Of Fashion" satirizava o narcisismo dos freqüentadores de Carnaby Street; "Sunny Afternoon" fala do capitalismo e classes sociais; "Dead End Street" explora as injustiças com a classe trabalhadora.

No período que se caracterizou como o auge da British Invasion nos EUA de 1964 a 1966, o Kinks colocou nas paradas os seguintes hits: "You Really Got Me", "All Day And All Of The Night", "Tired Of Waiting For You", "Set me Free", "Who'll Be The Next In Line", "A Well Respected Man", "Till The End Of The Day", "Dedicated Follower Of Fashion" and "Dead End Street"; e lançou os albums: *You Really Got Me*; *Kinks-Size*, *Kinda Kinks*, *Kinks Kinkdom*, *Kinks Kontroversy*. As edições americanas seguindo o padrão da época, invariavelmente eram diferentes das edições originais inglesas em conteúdo e na arte gráfica das capas.

Como grupo de palco, os Kinks tinham a imagem de "bad boys" muito mais que os próprios Rolling Stones: suas apresentações eram agitadas e em várias ocasiões até mesmo violentas. Ray Davies se mostrou uma personalidade problemática ao contrário de suas letras sensíveis e humanas. Se o seu lado excêntrico se tornou bastante conhecido, a sua capacidade como compositor, no entanto, jamais foi afetada e durante o seu período mais fértil pode ser facilmente comparada a genialidade de outros grandes nomes do rock britânico como John Lennon, Paul McCartney e Pete Townshend.

A carreira do Kinks continua pelos anos 70 e 80 com trabalhos fortes e importantes mesmo sem o mesmo reconhecimento de público.

Em 1990 são homenageados no Rock And Roll Hall Of Fame; sendo a quarta banda inglesa a receber o título de imortais; Beatles, Rolling Stones e Who são as outras três.

Vladimir Dantas além de apreciador do rock inglês dos anos 60, é proprietário da Blackbird Music Shop.

the who

por Paulo Cavalcanti

Pode parecer incrível, mas o The Who foi uma das bandas que mais demorou para conquistar o mercado americano. O quarteto só foi adotado pelos americanos depois que Gerry & The Pacemakers, Billy J. Kramer e demais personagens da British Invasion já tinham virado história. Isto talvez tenha acontecido pelo fato do The Who a princípio falar para os mods, um fenômeno puramente inglês. O grupo também teve problemas com sua gravadora nos EUA, que não sabia como trabalhar o som e a imagem da banda. Mas na Inglaterra e Europa o The Who era a banda que tinha agenda mais cheia. Praticamente não existia um dia em que o grupo não estivesse se apresentando em algum canto. Roger Daltrey (vocal), Pete Townshend (guitarra), John Entwistle (baixo) e Keith Moon (bateria) tinham mesmo que dar duro na estrada. Afinal, alguém tinha que pagar pelo quebra-quebra dos instrumentos, que já fazia parte da rotina do grupo. Apesar do dinheiro não ser dos maiores, o The Who teve muito sucesso e notoriedade no começo da explosão do rock inglês. Os singles "I Can't Explain" e "Anyway Anyhow Anywhere", ambos de 1965, consolidaram o som anárquico do grupo de Shepperd´s Bush. Pete Townshend se revelou como um dos mais articulados e talentosos compositores. A canção "My Generation" deu à juventude inglesa um autêntico hino de rebeldia. O álbum *My Generation*, lançado no final de 1965, também se tornou um clássico instantâneo, trazendo alguns covers, outras incríveis composições de Pete Townshend ("The Kids are Alright", "A Legal Matter") e o pesado instrumental "The Ox". Logo depois da banda ter se desentendido com o produtor Shel Talmy, o The Who lançou "Substitute", uma de suas mais duradouras canções. O ano de 1966 viu o The Who soltando o álbum *A Quick One* (cuja faixa título era uma espécie de mini-ópera, um prenúncio do que viria pela frente) e o single "Happy Jack", o primeiro a causar algum impacto na América. Em 1967 Pete Townshend e cia se apresentaram no Festival de Monterey e exploraram o psicodelismo com o álbum conceitual *Sell Out*. Mais tarde, viria *Tommy*, etc... Mas tudo isto fica para uma próxima ocasião....

Banda idolatrada até os dias atuais pelo simples fato de contar com estilo único e um time de músicos excepcionais. Um grupo que tem como líderes Steve Marriot e Ronnie Lane só pode ser, no mínimo, sensacional.

Uma curiosidade é que na época eles não eram tão cultuados como são hoje em dia (pelo menos na Inglaterra).

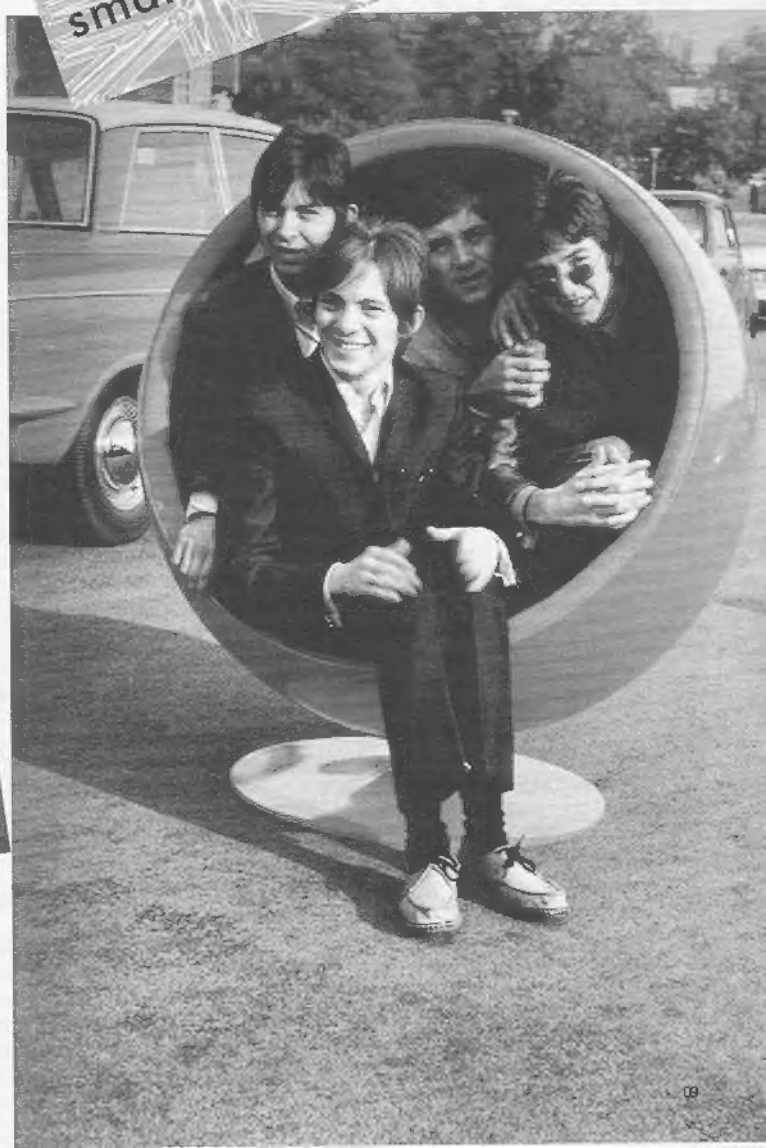
Tudo começou em maio de 1965, mais precisamente no East End de Londres, quando Steve Marriot (guitarra e vocais), Ronnie Lane (baixo e vocais), Kenny Jones (bateria) e Jimmy Winston (teclados) se reuniram para começar a fazer música. O nome Small Faces foi sugerido por uma garota que adorava os rapazes e ficava espantada com a baixa estatura dos integrantes.

Quatro meses depois já estavam emplacando um considerável sucesso com "Wat'cha Gonna Do About It", o primeiro compacto lançado pela banda. Winstom é substituído (alguns dizem que por ser alto demais perto dos companheiros de banda) por Ian McLagan que assume o posto bem na época do estouro do single "Sha-La-La-Lee", que chega ao terceiro lugar da parada inglesa em março de 1966. "Hey Girl" sai em maio sem causar grande impacto, diferente do próximo single, lançado 3 meses depois, com o nome de "All Or Nothing". O "tudo ou nada" mais famoso do Rock vai direto para o primeiro lugar das paradas, tirando ninguém menos do que os Beatles da aconchegante posição.

O grupo ainda iria se aventurar com muita propriedade e talento na onda psicodélica, lançando em 1967 o sensacional *Ogden's Nut Gone Flake*, e singles maravilhosos como "Itchycoo Park", "Lazy Sunday", "Tin Soldier" e "Afterglow (Of Your Love)". Tudo acaba em cima do palco num show realizado em 31 de dezembro de 1968, com Marriot quebrando o pau e falando no microfone que estava fora da banda.

Na verdade ele já estava com um novo grupo "na manga", o Humble Pie. Lane e os demais convocam dois ex-integrantes da banda de Jeff Beck, Ron Wood e Rod Stewart, e encurtam o nome para Faces.

small faces



por Ayrton Mugnaini Jr.

Qual a segunda mais importante banda de Liverpool? Há duas fortes candidatas: os Searchers, de grande influência a médio prazo, sumamente importantes no surgimento do folk-rock, e Gerry And The Pacemakers, que até 1967 foram os maiores rivais da mais importante banda de Liverpool – inclusive foi ela a primeira banda de Liverpool a chegar ao topo do hit-parade inglês (com "How Do You Do It" em abril de 1963, poucas semanas antes de "From Me To You") e a conseguir esta façanha três vezes com seus primeiros três discos (o segundo e o terceiro foram "I Like It" e "You'll Never Walk Alone"). Esta façanha só foi igualada quase 20 anos mais tarde, e por outra banda de Liverpool, Frankie Goes To Hollywood – detalhe: o lado-B de um destes singles de FGTH era justamente uma regravação de um hit dos Pacemakers, "Ferry Cross The Mersey". Outro detalhe: Gerry e os Pacemakers quase emplacaram quatro sucessos, mas "I'm The One" teve de se contentar com o segundo posto, graças aos Searchers e "Needles And Pins".

Talvez a grande falha de Gerry Marsden e seus amigos tenha sido a falta de ambição. Aparentemente, os Pacemakers nunca se preocuparam em produzir grandes épicos como *Sgt. Pepper's*, desafiar as convenções como os Stones ou comentar/satirizar os costumes a exemplo dos Kinks. E, ao contrário de Lennon/McCartney, Ray Davies ou Jagger/Richards, não brigavam muito quando recebiam músicas de outros para gravar. O negócio de Gerry & The Pacemakers era simplesmente entreter, fazer música despretensiosa para dançar, namorar ou simplesmente relaxar – e isso eles sempre fizeram muito bem, com muita garra e sabendo agradar todo mundo; já desde antes de começarem a gravar eles impressionavam com um repertório de cerca de 300 músicas, incluindo arranjos próprios para rock and roll, country, blues e canções "standards" norte-americanas. Até hoje Gerry Marsden adora um palco: "Adoro tocar e cantar para gente do mundo todo. Eu ganho dinheiro para me divertir!"

E daí se alguns esnobes se referem a Gerry & The Pacemakers como apenas mais uma bandinha dos anos 1960, de sucesso imediato inversamente proporcional à importância? Mesmo pertencendo à segunda divisão (ou seja, menos criativos e influentes que os Stones, Who, Yardbirds e outros incontestáveis), eles produziram muitos dos melhores discos de sua época – e, por quê não, de qualquer outra época do pop-rock. Pergunte aos Ramones; de onde você acha que eles tiraram, intacto, o trecho "never thought I'd find a girl like you" de "She's The One"? Isso mesmo, de "It's Gonna Be All Right", a mesma para que Renato e Seus Blue Caps fizeram a versão "Você Não Soube Amar" (embora o autor original saísse no selo como "Jorge Marsden").. Pergunte também ao Pink Floyd, que incluiu no LP *Meddle* a torcida do Liverpool FC (o time do coração de Gerry Marsden) cantando "You'll Never Walk Alone". Sim, esta música (de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein) é originalmente do musical da Broadway Caroussel. Mas quem fez mais sucesso com ela foram Gerry & The Pacemakers, e pode reparar: os torcedores do Liverpool FC adotaram a música como hino a partir do arranjo de Gerry ("you'll ne-e-ever walk alone..."). Tenho minhas dúvidas se os Monkees não compuseram "Don't Call On Me" após ouvirem "Don't Let The Sun Catch You Crying" (a dos Pacemakers, não a homônima gravada por Ray Charles, claro). E o guitarrista e compositor Gerry Marsden tem bons motivos para manter até hoje aquele sorrisão característico: só no Brasil suas músicas foram regravadas por, além de Renato e Seus Blue Caps, artistas como Wanderléa ("Longe De Ti") e Lee Jackson ("La La La"). (Não se preocupem, não esqueceremos que a rua da influência tem duas mãos e que "Ferry Cross The Mersey" tem melodia bem parecida com "Venus In Blue Jeans", de Neil Sedaka, sucesso com Jimmy Clanton em 1962.)

Descontando a falta de um rebelde como John Lennon ou um grande músico como Paul McCartney, Gerry & The Pacemakers eram bem semelhantes aos Beatles. Além de conterrâneos, surgiram na mesma época, fim dos anos 1950 (por sinal, Freddie Marsden, irmão de Gerry e baterista dos Pacemakers, é quase gêmeo de John Lennon, tendo nascido em 23/10/1940).

No começo, tocavam skiffle (variação inglesa e mais roqueira das "jug bands" norte-americanas dos anos 1920/30, usando instrumentos baratos ou caseiros como violões, gaita de boca e contrabaixos feitos com balde, varal e cabo de vassoura). Com a explosão do rock and roll em 1956/7, passaram a usar guitarras e contrabaixo elétricos e bateria completa (adotando o nome Gerry & The Pacemakers em 1959). E agradavam em cheio as platéias, tornando-se um dos grupos mais populares de Liverpool e adjacências (incluindo excursões a Hamburgo, na Alemanha). Brian Epstein, lojista tornado empresário, contratou os Pacemakers logo após os Beatles e conseguiu-lhes um contrato de gravação na mesma EMI, que os colocou em contato com o mesmo produtor, George Martin, mas em outro selo, Columbia. George Martin deve ter dado um belo suspiro de alívio ao perceber que os Pacemakers eram mais dóceis que os Beatles, que se recusaram a gravar "How Do You Do It", do compositor de aluguel Mitch Murray (ou melhor, gravaram, mas sem muita convicção, preferindo suas próprias composições), mas a música foi aceita de bom grado por Gerry e seus amigos, assim como "I Like It", eleita para o compacto seguinte. (Curiosamente, o primeiro LP do grupo não inclui nenhuma destas faixas, apesar do título ser *How Do You Like It?*).

Outra semelhança dos Pacemakers com os Beatles é a de terem eles também estrelado um filme, *Ferry Cross The Mersey*, em 1965 (exibido no Brasil como Frenéticos do Ritmo), bem na onda de *A Hard Day's Night*. Mas uma diferença marcante – além do estilo decididamente mais simples e direto mesmo ao se iniciar a mais ambiciosa era *Rubber Soul* – é que os Pacemakers tinham um pianista, Les Maguire, num interessante contraste com as duas guitarras dos Beatles e tantos outros grupos do período. (É bom lembrar que os Beatles e os Pacemakers sempre foram bons amigos, a ponto de se reunirem em outubro de 1961 num palco de Liverpool como The Beatmakers! Mais: Paul escreveu o texto do encarte do disco *Lennon & McCartney Songbook* de Gerry Marsden, onde diz: "Em Liverpool o grupo dele [Gerry Marsden] talvez tenha sido a maior concorrência para os Beatles, e eu me lembro bem demais do quanto eu suava ao conferir a pesquisa de popularidade de nosso jornal local [o Mersey Beat, claro], torcendo para que os Beatles conseguissem os mínimos pontos necessários para vencer a banda deles. Era perto assim!")

Talvez por não poderem (ou não quererem) acompanhar a crescente complexidade da música pop na segunda metade dos anos 1960, Gerry e os Pacemakers resolveram se separar – e não deixa de ser coincidência das mais interessantes que o fim de Gerry & The Pacemakers tenha sido anunciado em maio de 1967, justamente quando estava na boca do forno o mais complexo (ou pelo menos ou mais pretensioso) disco desse período, *Sgt. Pepper's*. Mas Gerry se deu bem como artista-solo; embora seus primeiros discos não tenham vendido muito, ele fez sucesso em programas de televisão e shows musicais como Charlie Giri.

Não consegui até o momento saber alguma coisa sobre Freddie Marsden, Les Chadwick e Lee McGuire após a separação do grupo original em 1967; nem sei se estão vivos, lidando com música ou residindo em algum outro planeta. O máximo que encontrei foi um Les Chadwick bamba em economia, autor de vários livros sobre o assunto – não me surpreenderia se fosse o mesmo dos Pacemakers, cuja profissão antes de assumir a música foi a de caixa de banco!

Enfim, se me perguntam quanto ao futuro do pop inglês, minha resposta é essa mesma: tudo vai ficar bem, bem, bem, tudo vai ficar bem...

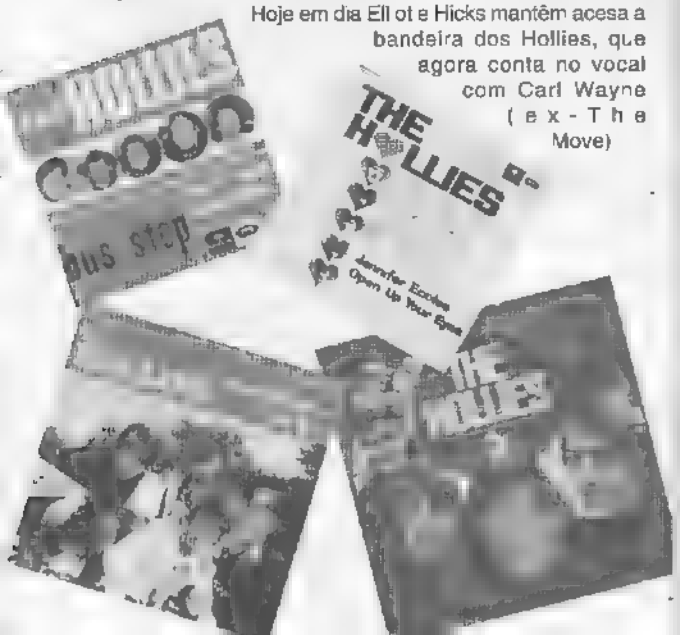
DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
Compra
Venda
Troca
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB - Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú) - Fone/Fax: 3081-7664

the hollies

por Paulo Cavalcanti

Ainda na ativa, o The Hollies é uma verdadeira instituição. O grupo de Manchester foi um dos mais consistentes da cena inglesa dos anos 60. Ao contrário de outras bandas que atraíam hordas histéricas ou fizeram sua fama à base de escândalos ou controvérsias, o The Hollies sempre se pautou pelo profissionalismo e bom mocismo. Uma prova disto foi a saída de Graham Nash, que em 1968 foi tocar com os americanos David Crosby e Stephen Stills. Qualquer outro grupo teria sucumbido a uma baixa tão importante em sua formação, mas os Hollies seguiram como se nada tivesse acontecido. Nash foi um dos fundadores do grupo ao lado do vocalista Allan Clarke. Em 1963 a formação tinha, além de Nash e Clarke, Tony Hicks (guitarra), Eric Raydock (baixo) e Don Rathbone (bateria, logo substituído por Bobby Elliott). O som dos Hollies era limpo e bem produzido, apoiado nas harmonias de Clark e Nash e na guitarra de Hicks. "Searching", lançado em 1963, foi o primeiro de uma longa lista de hits que incluiu "Stay", "Just One Look", "Here We Go Again", "We're Through", "Yes I Will", "I'm Alive", "Look Through Any Window", etc.. Também levou um certo tempo para o The Hollies penetrar nos Estados Unidos. Isto só aconteceu em 1966 com "Stop Stop Stop" e "Bus Stop". A tentativa de adaptação ao psicodelismo aconteceu com os álbuns *Evolution* e *Butterfly* (ambos de 1967), que não venderam muito bem na época, mas hoje são muito apreciados. O Hollies continuou como uma excelente banda de singles e Terry Sylvester que substituiu Nash, ajudou a manter o pique do grupo pelos anos 70 afora.

Hoje em dia Elliot e Hicks mantêm acesa a bandeira dos Hollies, que agora conta no vocal com Carl Wayne (ex-The Move).



dave clark five

por Nilia e Paulo Angelo Pepe

Na Inglaterra a década de 60 começou em meio a uma intensa movimentação política, principalmente para protestar contra a corrida nuclear. Milhares de jovens se uniram e saíram às ruas participando de marchas, cercando bases militares, bloqueando ruas e estradas.

A estrutura de classes e o mobilismo social seculares, escorados no poderio colonial da Grã-Bretanha, começavam a ruir com os efeitos do pós-guerra. Surgia um novo mito, o da vitalidade da classe operária.

Foi de Tottenham, base da classe operária, que surgiu um grande fenômeno musical, THE DAVE CLARK FIVE, rotulado como um derivado dos BEATLES tocando um rhythm'n blues adocicado em corinhos e refrões e condensado em compactos e que ganhou até um novo nome: MERSEY BEAT, a batida brotada às margens daquele rio. A inusitada presença de um sax como instrumento normal na formação da banda distinguiu o som do DC5 dos demais grupos da época conferindo a eles uma marca registrada que os acompanharia por toda a carreira.

O conjunto era formado por RICK HUXLEY (baixista), MIKE SMITH (vocalista e tecladista), LENNY DAVIDSON (guitarrista), DENIS PAYTON (sax, guitarra e harmônica) e DAVE CLARK (vocalista e baterista). O quinteto permaneceu intacto de 1961 até 1970, quando se separaram. Eram de famílias pobres, tanto que quando Dave Clark conseguiu comprar sua bateria precisou levá-la para casa de ônibus. Começaram tocando na base aérea de U.K. e no Royal Tottenham Mecca. Quando suas músicas eram lançadas, ganhavam de graça o tempo para gravar no estúdio.

A mãe de um dos cinco garotos era serviçal no palácio de Buckingham e conseguiu que eles se apresentassem lá, e, como não tinham dinheiro para pagar um carreto, foram com seus instrumentos de metrô.

Em 1963 lançam sua primeira gravação, "DO YOU LOVE ME", competindo com a gravação de BRIAN POOLE AND THE TREMELOES, não conseguindo porém, muito sucesso. Em janeiro de 1964, lançam seu segundo single, "GLAD ALL OVER", composição de CLARK e SMITH, a qual foi reconhecida como a número um da era beat, sua marca registrada. Entre fevereiro de 1964 e junho de 1965 o DAVE CLARK FIVE conseguiu colocar 15 sucessos entre as 20 da parada americana, mais que ROLLING STONES, BEACH BOYS, FOUR SEASONS, SUPREMES, e do que qualquer outro conjunto americano ou inglês durante esse período, salvo os próprios BEATLES. São desse período "BIT AND PIECES" (terceiro single) e "CATCH US IF YOU CAN", do filme no qual eles estrearam.

O charme do grupo com o vocal harmonioso de CLARK e SMITH, que tinha presença no palco e uma bela voz, lhes garantiu novas oportunidades dentro dos U.S.A. Uma série de aparições no programa de Ed Sullivan os ajudou a se projetarem nos Estados Unidos. Aliás, foi o primeiro conjunto britânico depois dos BEATLES a trilhar uma carreira de sucesso nos Estados Unidos.

Suas canções "CAN'T YOU SEE THAT SHE'S MINE", "BECAUSE", "I LIKE IT LIKE THAT", "BIT AND PIECES", "GLAD ALL OVER" e seu solo n.1, "OVER AND OVER" ficaram durante meses no topo das mais tocadas na Billboard.

THE DAVE CLARK FIVE foi o primeiro conjunto a ter como empresário um componente do grupo. DAVE CLARK era o líder e, além de compor e cantar, empresariava, administrava e produzia. Exercia controle total sobre a sua banda, mantendo uma influência marcante sobre todos os aspectos de sua carreira.

Foi ele o responsável, como produtor das gravações, por uma das características mais marcantes do som do DC5: a utilização constante de eco conferindo uma profundidade maior ao som do grupo.

Formou e administrou uma companhia publicitária para conduzir seus lançamentos. Foi também o primeiro empresário a dirigir e produzir um vídeo do conjunto. Um pouco mais tarde foi novamente pioneiro, quando produziu e dirigiu um pequeno filme de cinema promocional intitulado HITS IN ACTION, que mostrava uma montagem do conjunto cantando em shows em teatros do mundo todo.

O conjunto se desfez em 1970. Nunca, como no final da década de 60, a música teve tanta importância, figurando no centro de mudanças profundas no indivíduo e na sociedade. Podemos dizer que, para a época, com tanta pobreza na tecnologia, eles conseguiram graças à visão de CLARK, colocar todos os recursos eletrônicos em suas canções antes de qualquer outro conjunto. Além disso, suas canções de amor suplantavam qualquer efeito tecnológico e nos deixavam no coração apenas uma palavra, a mais bonita de todas: AMOR.

Nilia e Paulo Angelo Pepe apresentavam o programa Sunrise, na rádio Eldorado FM

yardbirds

Vindos de Surrey, o Yardbirds era uma espécie de instituição sagrada do R&B britânico. Tudo começou com o nome de Metropolis Blues Quartet, que era formado por cinco jovens dispostos a encarar qualquer parada pelo estilo que amavam – o Blues. Keith Relf cuidava dos vocais e da gaita, Anthony "Top" Topham era o guitarrista, Chris Dreja tocava guitarra base, Paul Samwell-Smith ficava no baixo e Jim McCarty na bateria. Topham abandona tudo em troca dos estudos e pinta na história um moleque de 18 anos, que, apesar da pouca idade, já era considerado um estudioso do Blues de Chicago. Seu nome, Eric Clapton.

Com essa nova formação a banda estava pronta para converter toda uma nova geração de jovens ao Blues. Com tanto sucesso pela América, os Rolling Stones tiveram que abandonar sua temporada semanal no famoso e conceituado Crawdaddy Club. O Yardbirds foi a banda escolhida para substituir os Stones e não deixaram barato, pois os shows no Crawdaddy eram selvagens e deixavam a platéia entusiasmada, pela garra com que tocavam o Blues. O boca-a-boca se espalhou rapidamente até que Sonny Boy Williamson veio conferir o pique dos garotos ingleses (chegando até a gravar um disco com eles, lançado em 1966).

O próximo passo seria o lendário Marquee Club, onde a banda passa a se apresentar toda sexta feira à noite. Shows inesquecíveis e platéia alucinada como pode ser conferido no registro *Five Live Yardbirds*, perfeito documento desta fase. Para fechar o ano com chave de ouro a banda abria shows de natal dos Beatles no Hammersmith Odeon.

Clapton ainda participa de forma mínima da gravação do compacto "For Your Love" e abandona o grupo transbordando indignação pelo rumo mais comercial tomado pelos seus companheiros de banda. Jeff Beck é escolhido para a vaga, e com ele os Yardbirds atravessam sua mais popular fase da carreira. Basta conferir as pérolas lapidadas nesse período: "Heart Full Of Soul", "Still I'm Sad", "Evil Hearted You" e "Shape Of Things".

Em 1966 lançam seu primeiro álbum de estúdio, chamado *Yardbirds*, porém conhecido mundialmente como *Roger The Engineer* pela capa desenhada por Chris Dreja.

Samwell-Smith cai fora e deixa a vaga de baixista aberta, Beck convida o amigo Jimmy Page para o posto. Tempos antes, o próprio Page tinha recusado a vaga para substituir Clapton, pois sua carreira como músico de estúdio estava dando muito mais grana.

Não demora muito e Cris Dreja passa para o baixo com Page assumindo a guitarra e criando ao lado de Beck a primeira dupla genial de guitarras da história do Rock. Nessa época fazem uma ponta no filme *Blow Up*, de Michelangelo Antonioni, onde tocam "Stroll On", na verdade, uma versão para "Train Kept A Rollin", de Johnny Burnett. Apesar da boa fase, esse duo guitarrístico durou pouco e em dezembro de 1966 Beck abandona os Yardbirds, que passa a atuar como quarteto.

A banda se concentra mais no mercado norte-americano, com Page tomando as rédeas e ditando o caminho a ser seguido junto com o novo empresário do grupo – Peter Grant. Em 1968 Page monta os New Yardbirds, que não contava com ninguém da antiga formação, mas, de quebra, trazia John Paul Jones, John Bonham e Robert Plant. O nome da banda também mudaria, mas eu nem preciso dizer que novo nome era esse, não é?

BEST OF THE REST

por Paulo Cavalcanti

Quase tão importante quanto os grupos foram as cantoras. Cilla Black, apadrinhada dos Beatles, fez muito sucesso com "Love of The Loved" e "It's For You", escritas especialmente para ela. Marianne Faithfull contava com o apoio dos Rolling Stones – ela formou ao lado de Mick Jagger um dos casais mais badalados da swingin' London. O folk pop de Marianne foi sucesso no mundo todo com "As Tears Go By", de Jagger e Richard. Já a escocesa Lulu foi uma das mais vibrantes cantora de R&B mas, ironicamente é lembrada hoje em dia pela romântica "To Sir With Love, tema do filme de mesmo nome. Petula Clark era uma jovem veterana em 1964 quando explodiu com "Downtown", "My Love", "I Know a Place" e outras pérolas do pop orquestrado. E quando se tratava de soul music, ninguém dava as cartas tão bem quanto Dusty Springfield e P.P.Arnold. Os macetes dos grupos Honeycombs e do Applejacks eram suas integrantes femininas, que tocavam, respectivamente, bateria e baixo. E a música folk também deixou sua marca com a dupla Chad & Jeremy (que fez mais sucesso nos Estados Unidos) e o The Seekers (quarteto australiano baseado na Inglaterra). Assim como o Seekers, a cena inglesa também tinha outros expatriados que procuraram fama e fortuna na Terra da Rainha como os americanos Walker Brothers e P.J. Proby e os australianos Bee Gees (embora os irmãos Gibb tenham nascido na Inglaterra). Na metade da década apareceu o chamado light rock, trazendo grupos que faziam canções cujas harmonias vocais mais pareciam cantoria de pub. Dentre ele estavam o Dave Dee, Dozy Mick, Beaky & Tich, The Marmalade e The Tremeloes (que no começo contava com o vocalista Brian Poole e seguia a linha do beat mais tradicional). Um dos grandes grupos da era beat foi Wayne Fontana & the Mindbenders, de Manchester, responsáveis pelo sensacional hit "The Game of Love". E não podemos esquecer dos grupos mod como Action, Artwoods e John's Children, cujas trajetórias serão dissecadas aqui em um futuro próximo. E também havia os cantores que começaram suas carreiras cantando blues tradicional, mas depois se enveredaram pelo pop, como Chris Farlowe e Long John Baldry.

E a Invasão Continua:
Nas próximas cinco páginas, uma geral na carreira de 20 grupos da Invasão Britânica

Barraca do Diaz LP's
Raridades do mundo da música
Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 as 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

VENTANIA COMPRA e VENDA
www.ventania.com.br
LP's - CD's - DVD's - Livros e Revistas
Rua 24 de Maio, 188 - 1º sobreloja - Conjuntos 113/115/117
São Paulo - SP - Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 223-6734

THE TROGGS

Músicos: Reg Presley (V), Chris Britton (G/V), Pete Staples (Bx/V) e Ronnie Bond (Bt)
Procedência: Andover
Ano de formação: 1964
Principais hits do período: Wild Thing, With a Girl Like You, I Can't Control Myself

Reg Presley era um figura, pinta de picareta, postura cínica e criador de letras sacanas, o que colaborava para a imagem de "bad boys" da banda.
No início, Reg era o baixista da banda e seu nome verdadeiro é Reg Ball. Após o vocalista original ter abandonado o grupo, Reg assumiu o seu posto e aceitou a sugestão de um jornalista do NME (New Musical Express) de adotar o sobrenome Presley.
O ex-empresário dos Kinks, Larry Page, foi quem apadrinhou os Troggs. Ele até fundou seu próprio selo, a Page One Record's, para lançar os sucessos dos garotos
Uma canção do compositor norte-americano Chip Taylor, feita para uma obscura banda chamada The Wild Ones, cai na mão de Page que sem hesitar, ordena que os Troggs a gravem imediatamente O nome da música: "Wild Thing".
Sucesso nos dois lados do Atlântico, "Wild Thing" deixou a garotada da época boquiaberta com tanta tosqueira!
Na América os Troggs se tornaram a influência número um de centenas de bandas de garagem que pipocavam pelo continente.

THE SPENCER DAVIS GROUP

Músicos: Spencer Davis (V/G), Steve Winwood (V/G), Mervyn "Muff" Winwood (Bx) e Pete York (Bt)
Procedência: Birmingham
Ano de formação: 1964
Principais hits do período: Keep On Running, Gimme Some Loving e I'm A Man

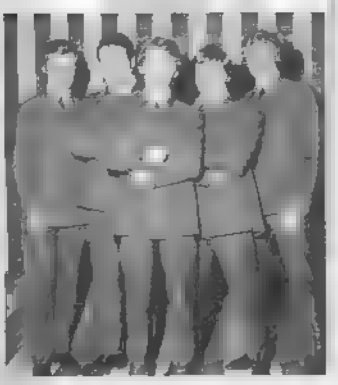
A "voz e alma" do SDG, apesar de não constar no nome do grupo, sempre foi o talentoso Steve Winwood, que em 1964 tinha apenas 16 anos de idade!
Como era jovem demais para sair pelo país fazendo shows, Steve não poderia batizar a banda com seu nome (algo do tipo Steve Winwood Group), do contrário, seria pedir para arrumar confusão com o "juizado de menores" local A banda também não poderia ir tocar na Alemanha, como todas as bandas da época faziam!
O jeito foi batizar a banda com o nome de Spencer Davis, que já era formado na Universidade de Birmingham, professor e blueseiro nas horas vagas
Steve começou a se destacar na mídia inglesa quando participou de uma Jam, dividindo o palco com Eric Burdon, Rod Stewart e Long John Baldry, num festival de Jazz e Blues perto de Londres, em agosto de 1965. Steve deixou o palco ovacionado e seus companheiros de Jam não cansavam de elogiá-lo na imprensa.
Ao lado de Steve Marriot (do Small Faces), a voz negra de Steve era considerada uma das mais belas da cena britânica da época.
Em janeiro de 1966, o SDG desbancou o compacto "We Can Work It Out"/"Day Tripper" (não preciso falar de quem é, né?) do topo das paradas. O novo sucesso era "Keep On Running", composta por um Jamaicano, protegido de Chris Blackwell (o chefão da Island Records), chamado Jackie Edwards. Esse ainda contribuiria com mais algumas composições para o SDG
Se não fosse "Good Vibrations" dos Beach Boys, "Gimme Some Lovin'" também teria alcançado o número um da parada em novembro de 1966. Pouco depois voltariam a estourar com "I'm a Man", que até foi re-gravada pela banda norte-americana Chicago.

MANFRED MANN

Músicos: Manfred "Lubowitz" Mann (T), Paul Jones (V), Mike Vickers (G), Dave Richmond (Bx) e Mike Hugg (Bt) Depois entraram Tom McGuiness (G), Jack Bruce (Bx), Klaus Voormann (Bx) e Mike D'abo (V).
Procedência: Manfred nasceu na África Do Sul e se mudou para a Inglaterra em 1961.
Ano de formação: 1963
Principais hits do período: Do Wah Diddy Diddy, 5-4-3-2-1, Sha La La, If You Gotta Go Go Now, With God On Our Side, Pretty Flamingo, Just Like A Woman

Banda única dentro da cena inglesa, o Manfred Mann era capitaneado pelo tecladista Manfred Lubowitz que tinha muito talento para o mundo fonográfico e musical.
O grupo conseguiu o feito de emplacar 22 singles nas paradas durante todos esses anos
Além do Pop, eles também se davam muito bem nas passagens instrumentais, carregadas de influência jazzística.
o sucesso da banda começou mesmo quando o programa de TV Ready, Steady, Go! adotou a música "5-4-3-2-1" como abertura. Aliás o Manfred Mann se tornou uma preferência para o sonoplasta do programa.
Eles adoravam fazer versões para músicas de Bob Dylan, até que o próprio Dylan declarou que o Manfred Mann era a banda que melhor interpretava seu material!
Jack Bruce veio do Graham Bond Organisation dar uma força assumindo o baixo no final de 1965. Ficaria pouco tempo, partindo no início do ano seguinte para formar o Cream. No seu lugar entrou Klaus Voormann (o homem que desenhou a capa do disco *Revolver* dos Beatles).
"Do Wah Diddy Diddy" foi o maior hit da banda nesse período Melodia grudenta e eficaz, serviu de trampolim para o sucesso da banda também na América.

THE MOODY BLUES



Músicos: Denny Laine (V/G), Mike Pinder (T), Ray Thomas (Flauta), Clint Warwick (Bx) e Graeme Edge (Bt)
Procedência: Birmingham
Ano de formação: 1963
Principais hits do período: Go Now

O Moody Blues surgiu de uma combinação de vários músicos vindos da cena Beat da cidade de Birmingham
As coisas melhoraram quando o grupo se mudou para Londres, em 1964, e descolou uma temporada no Marquee. Toda noite de segunda feira, jovens de toda a cidade vinham conferir aquela nova banda.
Em janeiro de 1965 chegam ao primeiro lugar da parada inglesa com uma versão para "Go Now", original de Bessie Banks. Na América a música também emplacou no Top Ten, deixando os rapazes animados para uma turnê pelo país.
Lançam mais alguns compactos, mas sem o mesmo sucesso de "Go Now", o que instalou uma crise interna culminando com a saída de Laine em 1966.
Os novos integrantes John Lodge e Justin Hayward conduziriam o Moody Blues a um novo e excitante estilo, colocando o grupo entre um dos grandes nomes da música mundial durante os próximos anos.

THE EASYBEATS

Músicos: Stevie Wright (V), George Young (G), Harry Vanda (G), Dick Diamond (Bx) e Gordon Fleet (Bt)
Procedência: Sidney, Austrália
Ano de formação. 1964
Principais hits do período: Friday On My Mind, For My Woman, She's So Fine, Wedding Ring, Women

O Easybeats foi formado na cidade de Sidney, Austrália, porém nenhum de seus cinco integrantes era australiano. Eles tinham ascendência inglesa, escocesa e holandesa.
Os pais dos rapazes emigraram para a Austrália durante o período pós-guerra que maltratava a Europa.
A maioria das gravações da banda era feita na Inglaterra e lá acabaram unindo forças com Shel Talmy (produtor do Who, Kinks e muitos outros), que cunhou com a banda o maravilhoso hino "Friday On My Mind", sucesso também pela América.
Apesar desse estrondoso sucesso, a banda acabou sucumbindo pela total falta de reconhecimento a seus LP's. Em 1969 tudo estava acabado.
George Young e Harry Vanda fundaram a Albert Productions e passaram a produzir e empresariar várias novas promessas pela Austrália. Dentre essas, estava a banda dos irmãos mais jovens de George Young (Malcolm e Angus), o AC/DC.

THE SEARCHERS

Músicos: Mike Pendergast (G/V), John McNally (G/V), Tony Jackson (Bx/V) e Chris Curtis (Bt)
Procedência: Liverpool
Ano de formação: 1960
Principais hits do período: Needles And Pins, Love Potion nº 9, Sweets For My Sweet, Sugar and Spice

Esse grupo era um dos poucos da época que conseguia, de certa forma, ao menos se aproximar da almejada posição alcançada pelos Beatles. Isso devido ao fato do Searchers contar com afinadas harmonias vocais, melodias impecáveis e uma empolgante e pulsante levada Beat. A segurança com que o grupo se jogava em cena também impressionava.
O nome da banda foi tirado de um clássico filme Western de John Wayne, e o seu primeiro sucesso foi "Sweets For My Sweet".
O maior sucesso da banda foi "Needles And Pins", que conquistou inclusive os EUA. A música, composição de Jack Nietzche e Sonny Bono, foi escrita originalmente para Jackie de Shannon, porém os Searchers também a acabaram gravando e estourando nas paradas.
Outro grande hit na terra do Tio Sam foi "Love Potion nº 9", chegando ao Top 5 em dezembro de 1965.
Em 1966, os Rolling Stones ofereceram uma música para os Seachers gravarem, "Take It Or Leave It". A versão do Searchers não convenceu muito o público, que preferiu a própria versão dos Stones contida no disco *Aftermath*.
O baterista Chris Curtis abandonou os Searchers e em 1967 formou um novo grupo chamado Roundabout, onde viria somente a cantar. Os demais músicos que acompanhavam Curtis eram o tecladista John Lord (ex-Artwoods), o guitarrista Ritchie Blackmore (ex-Outlaws), Dave Curtis no baixo e Ian Paice (ex-M.I 5) na bateria. Depois de alguns shows pela Alemanha, a banda volta a ensaiar sem Curtis e muda o nome para Deep Purple.

THE PRETTY THINGS

Músicos: Phil May (V), Dick Taylor (G), Brian Pendleton(G), John Stax (Bx) e Vivian Prince (Bt)
Procedência: Kent
Ano de formação. 1962
Principais hits do período: Rosalyn, Roadrunner, Don't Bring Me Down, Cry To Me, Honey I Need

O guitarrista Dick Taylor chegou a tocar com Mick Jagger e Keith Richard numa banda da época de escola chamada Little Boy Blue & The Blue Boys.
O Little Boy Blue convocaria o guitarrista Brian Jones e mudaria o nome para The Rolling Stones, então podemos dizer que Dick Taylor, do Pretty Things, tocou no Rolling Stones.
Os fãs do Pretty Things os consideravam mais rebeldes, selvagens e cínicos do que os Rolling Stones. Eram também aquele tipo de banda que "os pais amavam odiar".
O cabelo do vocalista Phil May era mais comprido do qualquer outro "cabeludo" das bandas Beat inglesas, e isso chamava bastante a atenção da imprensa, inclusive na América.
O baterista do Pretty Things, Vivian "Viv" Prince era uma figura rara. Dono de um estilo muito cool e bastante influenciado pelo Jazz, o cara era doido de pedra no melhor estilo Keith Moon. Durante uma desastrosa tour pela Nova Zelândia, Prince entrava em cena chapadaço, ateava fogo nas cortinas dos teatros durante os shows e arrancava pedaços do palco de madeira com um machado. A banda foi expulsa do país e depois Prince abandonaria a banda. Ele chegou até a ser cogitado para substituir Keith Moon no Who, e as últimas dão conta que o cara virou terrorista em Portugal.
O Pretty Things ainda iria dar muito o que falar com sua obra conceitual, *S.F.Sorrow*, considerada a primeira ópera rock da história do Rock, lançada em 1968 e que serviu de inspiração para *Tommy*, do The Who.
A banda passou a chamar bastante atenção quando David Bowie gravou duas músicas do grupo para seu disco de covers, *Pin Ups*, de 1973. As faixas eram "Rosalyn" e "Don't Bring Me Down".

THE MERSEYBEATS

Músicos: Tony Crane (G/V), Aaron Williams (G/V), Billy Kinsley (Bx/V) e John Banks (Bt/V)
Procedência: Liverpool
Ano de formação. 1961
Principais hits do período: I Think Of You, Wishin And Hopin

Antes que alguém acuse a banda de oportunista por ter escolhido o mesmo nome que foi dado pela imprensa ao se referir ao surgimento de grupos criados em Liverpool, as margens do Rio Mersey, é sempre bom lembrar que o grupo escolheu esse nome muito antes da imprensa.
O Merseybeats era um pouco diferente de outras bandas da região. Eles apostavam mais em baladas românticas e se vestiam de forma mais afeminada e pomposa ao invés de seus conterrâneos selvagens e vestidos de couro preto.
Brian Epstein contratou os rapazes para sua agência NEMS e acabou arrumando confusão com Chris Parmeinter, da gravadora A&M, que também tinha assinado com os rapazes para gravações pelo selo Fontana.
Como tantas outras bandas de sua geração, o Merseybeats também não renovou sua sonoridade pelos idos de 1966 e acabou se tornando uma banda ultrapassada.

HERMAN'S HERMITS

Músicos: Peter Noone (V), Derek "Lek" Leckenby (G), Keith Hopwood (G), Karl Green (Bx) e Barry Whitwam (Bt)
Procedência: Manchester
Ano de formação 1963
Principais hits do período: I'm Into Something Good, Mrs Brown You've Got A Lovely Daughter, I'm Henry The VIII I Am', Leaning On a Lampost, Can't You Hear My Heartbeat

A maior sacada do empresário dos Herman's Hermits e do empreendedor Mickie Most foi colocar Peter Noone à frente dos demais integrantes. Noone seria o galãzinho, o bom moço, o par ideal para se casar com a filha dos senhores e senhoras de todos os lares da América.
Noone se tornou rapidamente um ídolo Teen na América, ainda tinha gente na imprensa que achava-o parecido com o presidente Kennedy quando esse era garoto, receita infalível para vender mais um milhãozinho de discos
Em 1965 eles alcançam a impressionante marca para a época de 10 milhões de cópias vendidas em um ano.
Most era esperto e para as gravações de estúdio contratava excelentes músicos como Jimmy Page e John Paul Jones. Lógico que na época esse segredo era guardado a sete chaves

THE BIRDS

Músicos: Ron Wood (G/V), Tony Munroe (G/V), Kim Gardner (Bx) e Bob Langham (Bt)
Procedência: West Drayton
Ano de formação: 1964
Principais hits do período: Leaving Here

O Birds sempre será lembrado por ser a primeira banda de Ron Wood e por ter criado muito bate boca com o Byrds americano pelo direito de usar o nome.
Em agosto de 1965 as duas bandas acabaram se encontrando no aeroporto de Londres e quase que o encontro termina em pancadaria.
O som do grupo era um belo exemplo de R&B inglês, rude, cru e selvagem, porém na América a banda ficou famosa mais pelo fato de disputar o direito pelo nome com o Byrds local.

FREDDIE & THE DREAMERS

Músicos: Freddie Garitty (V), Roy Crewsdon (G), Derek Quinn (G), Pete Birrel (Bx) e Bernie Dwyer (Bt)
Procedência: Manchester
Ano de formação: 1959
Principais hits do período: I'm Telling You Now, You Were Made For Me, Do The Freddie

Freddie era entregador de leite em Manchester nos anos 50. Depois que descobriu o Skiffle sua vida mudou e ele passou a cantar em vários grupos pela cidade
A presença cênica de Freddie era algo muito engraçado, o cara criava passos e coreografias para a banda toda e o próprio dava saltos altíssimos em pleno palco (uma espécie de pré David Lee Roth).
Com aparições constantes nos programas de TV Shindig! e Hullabaloo, não demorou para o grupo se tornar a nova sensação da British Invasion pela América em 1965
Com o compacto exclusivo para o mercado norte-americano, "Do The Freddie", a dança maluca de Freddie virou febre na América.
Em 1966, Freddie não teve fôlego para acompanhar as mudanças na cena musical e acabou virando atração de cabaré pela Inglaterra.

DONOVAN

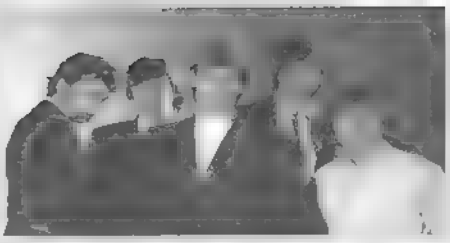
Músicos: Donovan Leitch (V/Violão)
Procedência: Glasgow, Escócia
Início das atividades musicais: 1964
Principais hits do período: Sunshine Superman, Mellow Yellow, Hurdy Gurdy Man (68)

Na Inglaterra daqueles tempos, era muito forte e marcante a música e a postura de Donovan perante a juventude local. O trovador humilde armado com seu violão e sua boina de beatnik foi influência para muitos seguidores do movimento folk.
Seu compacto "Sunshine Superman" (contando com a guitarra de Jimmy Page) bateu direto no primeiro posto da parada norte-americana em 1966. Isso o tornou um herói da invasão britânica pela América.
Foi considerado uma espécie de herói hippie por ser um dos primeiros astros da cena inglesa a ser detido por porte de drogas.
Outro hit mundial foi "Mellow Yellow", que contava com Paul McCartney nos vocais de apoio. Depois ainda surgiram muitos outros sucessos como "Atlantis" (com McCartney na bateria dessa vez, e Stephen Stills nos vocais de apoio), "Hurdy Gurdy Man", etc.

VINYL CLUB
(41) 223-2763
RUA ÉBANO PEREIRA, 196 - LOJA 05
CURITIBA - PR

SEBO JOVEM GUARDA
A VANGUARDA EM SEBO
COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista
LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades
sjguarda@bol.com.br
Atendimento a domicílio
Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

THEM



Músicos: Van Morrison (V), Billy Harrison (G), Alan Henderson (Bx) e Ronnie Mellings (Bt) essa a primeira de muitas formações do Them
Procedência: Belfast, Irlanda.
Ano de formação: 1963
Principais hits do período: Baby Please Don't Go, Here Comes The Night, Gloria

O Them pode ser considerado o melhor grupo da Irlanda dos anos 60. O líder era um jovem chamado Van Morrison que já estava um tanto cansado de cantar e fazer shows na Alemanha com a banda The Monarchs, lá pelos idos de 1963
O garoto volta para Belfast e resolve montar sua própria banda, com um nome inspirado num "cult film" de ficção e horror – Them.
Dick Rowe, um dos chefões da Decca (gravadora dos rapazes), contrata o melhor guitarrista de estúdio da época para dar uma "forcinha" nas gravações e Mr. Jimmy Page aparece para gravar uma cover de Big Joe Williams, "Baby Please Don't Go".
O lado B desse compacto trazia "Gloria", um hino dos três acordes. A canção estourou na América e se tornou um estandarte para as bandas de garagem que viriam a surgir no país.

Depois de mais alguns compactos a banda lança seu disco de estréia chamado simplesmente *Them*. A estréia trazia um certo ar de pioneirismo já que a Decca era caracterizada por ter em seu catálogo gravações mais limpas e polidas, agora, com o Them a história era outra, já que o som cru e básico vinha em primeiro plano.
O Them estava excursionando pela América, onde permaneceram uma boa temporada tocando no Whiskey-A-Go-Go, em Los Angeles. Nesse mesmo "cast" estavam o Captain Beefheart e os Doors. Com tanta loucura acontecendo na carreira do Them, e com essas companhias piradas, o show só poderia ser uma viagem, com uma versão de "Gloria" com mais de vinte minutos e um par de poemas recitados por Morrison (será que o outro Morrison gostou dessas idéias? A resposta só pode ser sim, pois os Doors vieram a regravar "Gloria" mais tarde e a fazer shows nos mesmos moldes).

THE NASHVILLE TEENS

Músicos: Art Sharp (V), Ray Phillips (V), Terry Crow (V), John Allen (G), John Hawken (P), Pete Shannon (Bx) e Barry Jenkins (Bt)
Procedência: Weybridge, Surrey
Ano de formação: 1962
Principais hits do período:
Tobacco Road

O que diferenciava o Nashville Teens das demais bandas inglesas, era o fato deles contarem com três vocalistas
A banda era muito requisitada por medalhões do rock norte-americano quando esses vinham tocar na Inglaterra, dentre eles Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Carl Perkins e Bo Didley.
O maior sucesso na América foi mesmo Tobacco Road (original de John D Loudermilk).
Os rapazes chegaram a tocar nos EUA com os Zombies, porém, por problemas de visto precisaram retornar para casa.
Vários astros da música norte-americana regravaram "Tobacco Road", como, por exemplo, Edgard Winter e David Lee Roth.

THE ZOMBIES

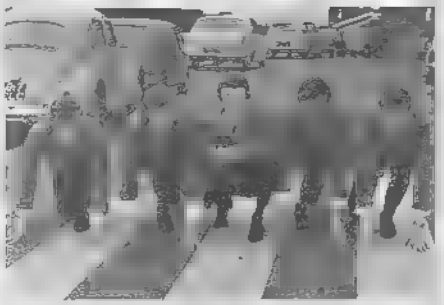
Músicos: Colin Blunstone (V), Rod Argent (T/V), Paul Atkinson (G), Chris White (Bx) e Hugh Grundy (Bt).
Procedência: St. Albans, Hertfordshire
Ano de formação: 1963
Principais hits do período: She's Not There, Tell Her No.
(Time Of The Season virou hit na América somente em fevereiro de 1969)
Os Zombies podem ser considerados uma das melhores bandas inglesas dos anos 60, com uma genialidade e habilidade fora do comum.
O beatle George Harrison chegou a declarar na época a sua admiração pela banda.
No início da carreira, descolaram um contrato com a gravadora Decca após ganharem um concurso de bandas Beat em Hertfordshire.
Eram chamados nos EUA de "Fab Five" em alusão aos "Fab Four" de Liverpool.
Na Inglaterra eram considerados apenas mais uma banda Beat, enquanto que na América o reconhecimento e o sucesso vieram mais cedo.
Passaram grande parte de 1965 se concentrando no mercado norte-americano.
a obra-prima *Odessey and Oracle* e o hit "Time Of The Season" datam de 1968, ficando de fora do contexto dessa matéria.

PETER & GORDON

Músicos: Peter Asher (V/G), Gordon Waller(V/G)
Procedência: Liverpool
Ano de formação: 1962
Principais hits do período: A World Without Love, Nobody I Know, I Don't Want to See You Again, To Know You Is To Love You, Baby I'm Yours, Woman.

Ambos eram filhos de médicos bem sucedidos, mas preferiram entrar para o mundo da música logo cedo.
Peter tinha uma irmã chamada Jane que estava de namorico com um tal de Paul McCartney. Paul apadrinhou os garotos e começou a oferecer composições de sua autoria em parceria com John Lennon para a dupla gravar.
A América adorava duplas de jovenzinhos britânicos com cara de nerd's, até mais do que a Inglaterra, daí a razão do imenso sucesso de Peter & Gordon pelos EUA.

THE FORTUNES



Músicos: Rod Allen (Bx,V), Glen Dale (G,V), Barry Pritchard (G,V), David Carr (T,V) e Andy Brown (Bt,V)
Procedência: Midlands
Ano de formação: 1963
Principais hits do período: You've Got Your Troubles, Here It Comes Again

Os Fortunes eram considerados uma instituição do Pop britânico. Harmonias vocais e instrumental pomposo era com eles.
Na América o grupo emplacou dois hits certeiros – "You've Got Your Troubles" e "Here It Comes Again".

THE CREATION

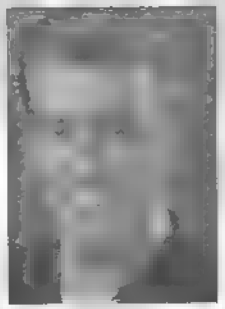
Músicos: Kenny Pickett (V), Eddie Phillips (G), Bob Garner (Bx) e Jack Jones (Bt)
Procedência: Hertfordshire
Ano de formação: 1966
Principais hits do período: Making Time, Painter Man

O Creation foi um dos principais expoentes da cena Mod inglesa ao lado do Who e do Small Faces
O grupo antes se chamava The Mark Four e já gozava de um certo prestígio na cena musical britânica do início dos anos 60.
O primeiro sucesso do Creation foi "Making Time", que trazia um inovador e arrasador solo de guitarra de Eddie Phillips. O rapaz tocava sua Gibson 335 com um arco de violino, tirando um som incrível de seu instrumento. Dois anos mais tarde, Jimmy Page viria a fazer muito sucesso com essa mesma idéia.
A banda dava shows malucos, nos quais o vocalista Kenny Pickett entrava em cena com o corpo todo pintado. Em certo momento do espetáculo, Pickett chamava garotas da platéia, deixando-as praticamente sem roupa e pintava o corpo das moças.
Foram um dos primeiros grupos a usar um telão com projeções no fundo do palco. Uma sensação para a época.
Apesar de tanta vanguarda, a imprensa inglesa continuava a ignorar os rapazes. Para compensar, em países como a Alemanha o Creation era considerado um grupo de primeiro porte.
O grupo só não estourou na América como deveria, pois encerrou as atividades em 1968, quando estavam prestes a assinar um contrato com a United Artists.
O guitarrista Eddie Phillips, desiludido com o mundo musical, chegou a encostar a guitarra por um bom tempo e se tornou motorista de ônibus. Kenny Pickett virou roadie do Led Zeppelin nos anos 70 e morreu de um fulminante ataque cardíaco em 1997.

THE SWINGING BLUE JEANS

Músicos: Ray Ennis (V/G), Ralph Ellis (V/G), Les Braid (Bx) e Norman Kuhlke (Bt)
Procedência. Liverpool
Ano de formação: 1959
Principais hits do período: Hippy Hippy Shake, You're No Good
Estouraram no mundo todo com "Hippy Hippy Shake", compacto lançado em janeiro de 1964. Na América, "You're No Good", original de Betty Everett, se tornou mania entre os jovens.
Como várias outras bandas da cena Beat, o Swinging Blue Jeans não conseguiu acompanhar a nova onda psicodélica que surgiu em 1966 e acabou se tornando um grupo considerado "careta" pelos jovens. Prova maior disso foi a tentativa de uma mudança do nome do grupo para Music Motor em 1967, o que não melhorou em nada a popularidade da banda, fadada à obscuridade nessa segunda metade da década.

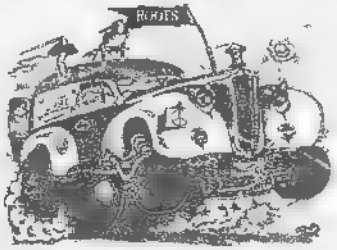
BILLY J. KRAMER & THE DAKOTAS



Músicos: Billy J. Kramer (V), Mike Maxfield (G), Robin McDonald (G), Ray Jones (Bx) e Tony Mansfield (Bt)
Procedência: Manchester
Ano de formação: 1962
Principais hits do período Do You Want To Know A Secret, Bad To Me, I'll Keep You Satisfied, From A Window, Little Children

O nome verdadeiro de Billy J. Kramer é William Howard Ashton. Quem apresentou o rapaz aos Dakotas foi Brian Epstein, que também passou a empresariar a turma.
Como Epstein era o mais influente empresário da cena musical naqueles tempos, foi até normal um contrato de cara com a EM
Epstein fazia questão de produzir seu novo contratado nos mesmos moldes dos Beatles. Até George Martin chegou a dar uma mãozinha tocando piano na gravação de "Do You Want To Know A Secret" (que também tinha aparecido no primeiro disco dos Beatles, *Please Please Me*)
Billy J. Kramer também era ofertado com belas composições de Lennon e McCartney, o que também ajudava bastante na reputação do artista pela América.
Em 1966, Billy dispensa os Dakotas e parte para uma carreira solo, sem conseguir o mesmo sucesso da época de ouro do Merseybeat.

ROOTS RECORDS



www.rootsrecords.com.br
CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios
Entregamos para todo o Brasil
Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2º piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

CLASSIC ROCK
CD'S LP'S VIDEOS
Rua dos Andradas, 1444 - sala 31
GALERIA CHAVES
Fone/Fax: (0xx51) 3227.5911
Porto Alegre - RS - Brasil

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca
STONED DISCOS
POA - RS
stonedcds@terra.com.br
LP's / CD's / Vídeos / DVD's e Livros
Telentrega: Fone/Fax:
(51) 3225-5136
Rua Mal. Floriano Peixoto, 371
Porto Alegre - RS

Gov't Mule

Indo Cada Vez Mais Fundo na Qualidade

Apesar desse disco ter sido lançado em outubro do ano passado, por questões financeiras foi somente agora, no início do ano, que a redação da poeira Zine conseguiu levantar uns trocos e fazer uma "vaquinha" para adquirir esse mega-pacote do Gov't Mule contendo dois CD's e um DVD, totalizando mais de seis horas de material.

Antes de qualquer outra coisa, se você é daqueles que, assim como eu, fica reclamando da atual cena musical, choramingando que não aparece nada de excitante no Rock N' Roll e que os bons tempos já se foram, preste atenção no que eu vou dizer: há uma luz no fim do túnel, e essa luz atende pelo nome de Gov't Mule.

Desde que o guitarrista Warren Haynes e o baixista Allen Woody resolveram criar uma nova banda para expor na totalidade suas aspirações musicais, o Rock ganhou novo fôlego e vitalidade. Em 1994, ambos, (membros também do Allman Brothers Band), convocaram o batera Matt Abts e formaram o Gov't Mule, um grande coice na cena musical medíocre dos anos 90. De lá pra cá o grupo vem conquistando uma série de admiradores, e, curiosamente, o pessoal "das antigas" também passou a apreciar o som da banda, totalmente calcado na sonoridade dos anos 60 e 70.

Desde a morte do baixista Allen Woody em agosto de 2000, o Gov't Mule vem se apresentando com várias lendas das quatro cordas no posto de baixista, como que numa homenagem ao falecido integrante do grupo. Resultado dessa maluquice toda foram os álbuns *The Deep End Vol. 1* e *Vol. 2* lançados com participações de feras como Jack Bruce, John Entwistle, Bootsy Collins, Chris Squire, Tony Levin, Rocco Prestia e Billy Cox, todos ídolos de Allen Woody).

Apesar da qualidade desses álbuns, nada se compara a *The Deepest End*, gravado no dia 3 de maio de 2003 no Saenger Theatre, em New Orleans, Louisiana, durante o The New Orleans Jazz & Heritage Festival.

Muitas das atrações que se apresentaram junto com a banda naquele dia estavam tocando na cidade e outros viajaram o país só para estar presente naquela ocasião especial.

Um fator que ajudou no astral daquela noite foi a ausência de um tempo maior para ensaiar. Durante o único dia que a banda tinha livre (por sinal a mesma data do show) o Gov't Mule apenas acertou alguns detalhes com os convidados no próprio palco do Saenger Theater poucas horas antes do concerto (como pode ser visto no documentário bônus que acompanha o DVD).

A performance do grupo chega a ser emocionante, com Warren Haynes provando ser um dos maiores músicos desse novo século, esbanjando bom gosto a todo instante, assim como o baterista Matt Abts, perfeito, sóbrio e técnico durante toda a maratona de seis horas!

E Warren Haynes relembra um pouco a atuação do colega de grupo: "Nós tivemos 14 baixistas convidados naquela noite, e cada um deles que subia no palco fazia com que Matt tivesse que se re-adaptar ao estilo de cada um, buscando aquela química fundamental entre o baixo e a bateria".

Haynes continua rasgando a seda: "Ele é um dos meus bateristas favoritos de todos os tempos, simplesmente fantástico e eu sinceramente não sei aonde ele foi buscar tanta energia para fazer tudo aquilo naquela noite".

A atuação do cara é de arrepiar e ele deve ter ficado com os braços enfiados num balde de gelo pelo menos por uma semana depois do show. O tecladista Danny Louis também manda muito bem, tanto fazendo a "cama" melódica para as aventuras de Haynes, como solando com seu arsenal de Hammond, Fender Rhodes e caixa Leslie.

Muito interessante também é a participação da Dirty Dozen Brass Band, um time de malucos com saxofone, trompete, trombone e até uma tuba, dando uma cadência bem original à música "John The Revelator". Outro destaque é o monstruoso Victor Wooten que detona o contra-baixo na instrumental "Sco-Mule".

O repertório mesclou composições próprias com covers das grandes bandas e artistas dos bons tempos como "Voodoo Chile" de Jimi Hendrix, este blues infernal contando com o baixista do Jefferson Airplane e Hot Tuna, Jack Casady, que gravou a versão original contida no álbum *Electric Ladyland*, de 1968. Temos também "Maybe I'm A Leo", do Deep Purple, e "Going Down", do Jeff Beck Group com Roger Glover participando. "Sweet Leaf" e "War Pigs", do Black Sabbath com Jason Newsted (ex-Metallica e Ozzy), "Politician", do Cream com o pessoal dos Los Lobos, "Chameleon", de Herbie Hancock com o baixista Paul Jackson (que gravou também a versão original do disco *Headhunters*, de Hancock) e a versão de "Wasted Time", do Eagles, contando somente com Warren na guitarra e nos vocais, tocada de improviso apenas para fazer hora enquanto George Porter Jr. não chegava de um outro show que estava fazendo nas proximidades. Ele chega em cima da hora, pega o baixo e sobe ao palco junto com Jason Newsted e Dave Schools para encerrar tudo com uma versão matadora de "Thorazine Shuffle", com três baixos.

Esse disco marca o final de um período de homenagens a Allen Woody e o início de uma nova e promissora fase na carreira da banda. Eles vêm fazendo desde o fim do ano passado a "Rebirth Of The Mule Tour" com o novo baixista – Andy Hess. O grupo já confirmou também a presença no famoso Bonnaroo Music Festival deste ano, realizado numa fazenda em Rochester, Tenesee. São três dias de camping e muito Rock N' Roll, e o festival será nos dias 11, 12 e 13 de junho.

Se você não torrou tudo com a cachaça no Carnaval e guardou alguma grana do décimo terceiro, corra para a loja mais próxima e adquira esse *Deepest End*, que custa uma paulada (R$110 em média) mas vale muito o investimento. Deixe um troco para a cerveja, pois 6 horas com a garganta seca não há mortal que agüente! E não esqueça de brindar com quer que esteja ao seu lado o fato dessa maravilhosa banda existir em pleno ano de 2004.

Aliás, o que será que a BMG tem na cabeça ao não lançar esse disco por aqui?

Lanny Gordin

um mestre na penumbra

por Rafael Martinelli

Aprendendo a voar

Lanny iniciou o seu aprendizado musical no início da sua adolescência trancado em seu quarto, dedilhando um violão por horas, criando um mundo musical próprio e alheio a regras e orientações. Nessa época, percebendo a incrível facilidade do garoto autodidata, o seu pai, também músico, passou a incentivar o interesse de Lanny pelo instrumento.

Pouco tempo depois, após tomar algumas aulas com o professor Ayres, Lanny começou a carreira profissional tocando na boate do seu pai, a elegante "Stardust", palco de inúmeros músicos que fariam história, como Hermeto Pascoal e Heraldo do Monte.

Misturado a essas feras Lanny desenvolveu o seu gosto pelo jazz e pela improvisação, principalmente quando se fazia acompanhar pelo maluco e genial Hermeto Pascoal, no palco à meia luz da "Stardust"

Noite após noite, improviso atrás de improviso e Lanny se tornava um precoce músico de 17 anos de idade, maduro o suficiente para alçar o vôo que lhe garantiria um lugar intocável na história da música popular brasileira, embora muitos não saibam.

O vôo tropicalista

Por volta de 1968, Lanny foi apresentado a Gilberto Gil, na época um morador da Avenida São Luiz, no centro de São Paulo, que gostou muito do estilo do guitarrista, prevendo a importância estética que o seu toque personalíssimo traria ao conceito musical tropicalista, ainda em fase embrionária.

E se havia alguma dúvida quanto ao talento de Lanny para assumir o papel de mentor instrumental do movimento, o disco Brazilian Octopus , de 1969, era a prova da criatividade e originalidade do guitarrista, que esbanjou classe em temas como "Momento B/8" e "O Pássaro".

Aliás, a participação de Lanny nesse grupo liderado por Hermeto Pascoal foi muito importante tanto em sua carreira como na história da nossa música, pelo fato de ter sido um dos primeiros discos modernos de música instrumental brasileira

Enfim, Lanny estava maduro para a sua incursão tropicalista, invocando a eletricidade do rock deliciosamente diluída às harmonias dissonantes da MPB. Essa refinada composição de estilos fez de Lanny um músico de rara estirpe, daqueles que se reconhece ao primeiro toque, um verdadeiro artista.

E a responsabilidade que coube a Lanny foi grande, principalmente se lembrarmos que a adesão ao rock gerou uma verdadeira "guerra", um racha entre os artistas da MPB, pois muitos a viam como uma negação ao nacionalismo, numa época de inebriantes paixões políticas.

Mas para Lanny o momento era mágico e o garoto, com cerca de 18 anos, não se intimidou, registrando em disco seus solos rápidos e exatos, timbres e efeitos psicodélicos "à la Hendrix", mesclados a fraseados jazzistas outra reminiscência dos seus "duelos" com Hermeto no palco da Stardust e das audições de seus ídolos do jazz, Wes Montgomery e Kenny Burrel

Com Gil teve a primeira participação no disco *Gilberto Gil*, de 1969, merecendo destaque as faixas "07 léguas e meia" – um curioso encontro entre Hendrix e Luiz Gonzaga, "Cérebro eletrônico", com a sua pegada bluesera e "2001" e suas estranhas sonoridades

Ainda com Gil, a brasilidade jazzística de Lanny explodiria de forma mais consistente no melhor e mais importante disco do qual participou, o clássico *Expresso 2222*, de 1972, como podemos conferir em "Sai do sereno" e o "Canto da ema" Lanny provava, ainda, toda a sua versatilidade, tocando baixo em algumas faixas, como no samba "Chiclete com banana" e detonado fraseados funks em "Back in Bahia"

O trabalho de Lanny com Gal não é menos clássico. O músico era tão respeitado pela baiana que não permaneceu apenas como guitarrista, ganhando o lugar de arranjador em vários momentos como no clássico show transformado em disco, *Gal Fa-tal* (1971) - com o seu histórico arranjo e performance para a versão de "Pérola Negra", de Luiz Melodia - e no excelente *Legal* (1970).

Completando a tríade de baianos, Lanny participou de forma brilhante do famoso disco branco de Caetano (1969), em "Objeto não identificado" com seu solo climático e nas impressionantes "Irene" e "Atrás do trio elétrico", que pintam de cores psicodélicas o carnaval baiano. Em "Marinheiro só", o músico dá uma aula de como misturar estilos, abrilhantando um tema popular com fraseados roqueiros

Em pouco tempo Lanny tornara-se um mito, disputado a tapa no cenário musical brasileiro da época. Num meteórico espaço de tempo participou de discos ou shows de Tim Maia, Elis Regina, Jair Rodrigues, Erasmo Carlos e Rita Lee, entre muitos outros Enfim, todos queriam a elegância de Lanny Gordin em seus discos. (ver listagem ao final da matéria).

Porém, mesmo exposto ao estrelato o espírito vanguardista não abandonou o músico, se preservando a ponto de um dos seus mais brilhantes trabalhos ter sido realizado ao lado do "maldito" Jards Macalé, em seu excelente e raro primeiro disco, intitulado *Jards Macalé*, de 1972.

Nesse álbum Lanny destrói... Apenas com um violão em punho, o músico esbanjava técnica, lembrando, em algumas passagens, John McLaughlin, ao criar estranhas harmonias e timbres. Lanny é um guitarrista tão genial, que faz até violão soar como guitarra. Nesse disco, Lanny assumiu, também, o baixo, não se limitando à mera marcação e desenvolvendo elegantes solos que entrecortam as melodias criadas ao violão.

O mergulho no escuro

E nessa época de sonhos, mitos e excessos, o mesmo espírito que fez de Lanny um explorador como músico, o levou a buscar a expansão da consciência através das drogas

Sua primeira experiência com o ácido lisérgico (LSD) ocorreu quando o músico excursionava com Jair Rodrigues e os Originais do Samba, na Londres do início da década de 70, quando alguns hippies colocaram a droga na boca de Lanny, na rua.. puro espírito flower-power

O nirvana espiritual que experimentou nesta primeira vez logo se tornaria uma viagem de dor e angústia. Em um ano, mais três ácidos e o encontro com a esquizofrenia, despertada pelas viagens induzidas pela droga.

Logo depois Lanny desapareceria do meio musical, passando por vários períodos de internações em clínicas de tratamento psiquiátrico, onde, à base de tratamentos de choque, buscava a compreensão dos descaminhos, dos atalhos tortuosos que havia trilhado.

Retorno

Desaparecido do meio musical por cerca de dez anos, a carreira de Lanny foi do auge ao ostracismo numa fagulha.

Mesmo com a legião de admiradores e discípulos deixados, era muito tempo para que o meio musical permanecesse de portas abertas para o seu talento, sendo que o retorno à uma gravação significativa ocorreria apenas em 1982, quando participou do disco *Aguilar e a Banda Performática*, cujo experimentalismo sonoro e de linguagem permitiram que Lanny expressasse, novamente, todo o seu talento criativo.

Nos próximos anos, entre desaparecimentos e reencontros, Lanny foi lembrado por admiradores que buscaram o guitarrista para que este participasse dos seus discos Artistas com o mesmo espírito vanguardista, como Chico César, Jards Macalé, Itamar Assumpção e Vange Milliet.

Mesclando tais participações com aulas particulares, sumiços e sons na noite paulistana, Lanny foi tocando a vida, até chegar ao seu primeiro e aguardado disco solo, fruto

continua na pág. 21

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
O Melhor da Música Brasileira dos Anos 60 e 70
Fones: 3231-1193
9889-2860
Rua 7 de Abril, 176 - Sala 17 - 1º andar
Centro - São Paulo

Nektar - A Tab in the Ocean - 1972

Clássico do estilo – obrigatório para quem quiser entender um pouco do que foi o movimento Progressivo do início dos anos 70.

Nos anos 60, a cidade de Hamburgo na Alemanha era uma verdadeira "perdição" para os jovens músicos de toda a Europa. Lá rolava de tudo: muitos clubes, boates, inferninhos, drogas, confusões e garotas fáceis. A barra era pesada, com muitas brigas e rock n' roll. Até os Beatles confessaram certa vez que Hamburgo era onde seus shows mais selvagens aconteciam, bem ao contrário da América, onde a platéia era formada em sua essência por garotinhas histéricas. Praticamente todas as boas bandas inglesas da época tinham que ser "batizadas" em Hamburgo, e foi lá que muitas delas se formaram.

Allan Freeman (teclados, vocais), Roy Albrighton (guitarra, vocais), Derek Moore (baixo, Mellotron, vocais), e Ron Howden (bateria, percussão e vocais), eram jovens músicos ingleses que por sinal estavam tocando (com bandas diferentes) em Hamburgo por volta de 1965. Era muito comum todos saírem para se divertir após os shows, e numa dessas andanças acabam se encontrando no famoso Star Club, onde começam a desenvolver uma idéia sobre uma nova banda, que seria algo totalmente novo e experimental em se tratando de Rock.

No ano seguinte (1969) a idéia amadurece e é formado o Nektar, que acabou fixando residência na Alemanha. De cara a inovação já começa pela formação, pois a banda contava com a presença de um quinto membro que cuidava somente da iluminação (Mick Brockett)! Os shows passam a ser super produzidos para a época, com um apelo visual chocante, o que ajudou a banda a conseguir rapidamente uma legião de seguidores, formado em sua maioria por freaks alemães. Em 1971 assinam com a Bellaphon e lançam *Journey to the Center of the Eye*, uma genial estréia que preparava o território para a "orgia sonora" que estava por vir no ano seguinte.

No processo de composição daquele que seria o segundo disco da banda, já começaram algumas mudanças. Os temas passaram a ser estendidos ao máximo. Explorando as próprias capacidades, o Nektar simplesmente evoluía a cada ensaio, tornando seu som denso mas ao mesmo tempo melódico e psicodélico, com climas viajantes criados por teclados e guitarras. As letras também se tornavam cada vez mais trabalhadas e mágicas.

O resultado disso tudo foi batizado de "A Tab in The Ocean", e trazia além dessas inovações sonoras, um trabalho gráfico de arrepiar, cortesia do artista Helmut Wenske. Na contra capa do disco, Helmut trazia uma maluca colagem tendo como fundo o "Jardim das Delícias" de Hieronymus Bosch.

Era como se os cinco temas do disco formassem uma peça única e concisa. A faixa título abria muito bem o álbum tomando todo o lado A do vinil. Uma típica marcha gótica com uma genial atuação de Allan Freeman nos teclados e vocais e Roy Albrighton na guitarra. Chega a ser engraçado o baixista Derek Moore, fingir um sotaque alemão na frase "funny creatures with funny plastic lives", eles queriam porque queriam parecer uma banda alemã. O tema se desenvolve magistralmente e não dá para negar uma certa influência de Emerson Lake & Palmer em algumas passagens.

No lado B temos quatro faixas emendadas. A psicodélica "Desolation Valley", com uma total influência jazzística mesclada com típicas viagens características das bandas da Costa Oeste norte-americana. "Waves" vem na seqüência mantendo o clima para o surgimento de "Cryin' in the Dark", com uma pegada puramente Hard. Dá para perceber que esse é o registro definitivo do Nektar. Nessa altura quem surpreende é o baixista Derek Moore, esbanjando bom gosto e precisão. Destaque também para o solo de guitarra recheado de wah wahs e delays lisérgicos. A quase Heavy Metal - "King Of Twilight" - encerra tudo da melhor maneira possível, com vocais épicos e ritmo "cavalgante". Depois de "Tab" o Nektar ainda lançou o essencial *Remember the Future* em 1973, com a faixa título tomando os dois lados do vinil. Após essa fase, entraram numas de simplificar o som, deixando as canções mais curtas e menos elaboradas – o que acabou magoando alguns antigos seguidores que não aprovaram o direcionamento mostrado nos discos seguintes.

Lançamento: 1972 Bellaphon/Bacillus Record
Produção: Peter Hauke e Nektar
Engenheiro de Som: Dieter Dierks
Trabalho Gráfico: Helmut Wenske
Formação: Allan Freeman (teclados, vocais), Roy Allenghton (guitarra, vocais), Derek Moore (baixo, Mellotron, vocais), Ron Howden (bateria, percussão e vocais), e Mick Brockett (iluminação).
Faixas: A Tab In The Ocean / Desolation Valley / Wayes / Cryin' In The Dark / King Of The Twilight

Notas:
A Tab in The Ocean não foi o disco do Nektar que mais vendeu. Principalmente nos EUA, eles eram mais conhecidos por *Remember the Future*, que por muitos anos foi o único disco do grupo lançado naquele país.
A produção de "Tab" foi extremamente calculada pela banda e por Peter Hauke. A impressão que dá, é a de que eles gravaram o disco num imenso galpão, com a banda tocando num canto qualquer enquanto os microfones captavam tudo do lado inverso ao que o grupo se posicionava. Isso trouxe uma sonoridade muito mais viva e orgânica ao álbum.
Steve Harris e Bruce Dickinson, do Iron Maiden, são grandes fãs do Nektar, e principalmente de *A Tab In The Ocean*. Prova maior disso, foi o Malden ter gravado "King Of Twilight" no lado B do compacto *Aces High*. A versão, apesar de estar "batizada" como "King of The Twilight", era na verdade um mix da própria "King" com a pesada "Cryin' In The Dark", onde Steve Harris se deleitava no contra baixo.
O engenheiro de "Tab", Dieter Dierks, se tornou o mais famoso produtor alemão de todos os tempos. Montou um moderno estúdio de gravação (o Dierks Studios) e gravou mais da metade dos discos do movimento Prog Alemão. Depois se tornou o produtor oficial dos Scorpions.
Nos agradecimentos do disco consta a seguinte frase: "Special thanks to the laughs provided by Brazil". O que será que os músicos do Nektar quiseram dizer com isso? Ouvi o disco inteiro e não ouvi risada alguma! Talvez eles tenham gravado o disco ouvindo um disco do Juca Chaves ou do Ary Toledo.
Na mesma lista de agradecimentos, a banda agradece a mãe de Dieter Dierks pelas "calorias". Será que o Strudel de mamy Dierks era tão bom assim?

Situação: No Brasil foi lançado em LP em 1974 pela One Way Produções e Edições Musicais Ltda., dentro da série Sábado Som Internacional. Além do Nektar, essa série soltou discos do Omega, Karthago e outros, fazendo a alegria ou tristeza dos proggers brazucas. Alegria, pois era possível comprar algum disco dessas bandas por um preço mais acessível. E tristeza porque em alguns casos a prensagem e o acabamento gráfico eram um lixo se comparado às edições importadas. Em CD está disponível na Alemanha e no Japão pela Bacillus Records. Uma edição remasterizada contendo o mix original alemão de 1972, mais um remix norte-americano de 1976, está para ser lançada no mercado internacional.

continuação da pág. 19

do empenho de Luiz Calanca, do selo Baratos Afins, que após inúmeras tentativas e negociações foi convencendo Lanny a registrar alguns temas instrumentais.

O CD, intitulado apenas *Lanny Gordin*, de 2001, embora limitado pela qualidade sonora da gravação, traz temas belíssimos, muitos deles criados de improviso e nos quais Lanny gravou duas guitarras, baixo e até violão, valendo pela originalidade e pela iniciativa de se resgatar Lanny Gordin para o público.

Quem é Lanny ?

Conheci Lanny Gordin e mantive com ele, ainda que por pouco tempo, uma relação de grande carinho, e acima de tudo, de extremo respeito.

Na verdade, observando seus acordes impossíveis, solos e improvisos, busquei uma maior compreensão sobre uma visão mais profunda de música, impregnada de espiritualidade e filosofia e acho que consegui, ao menos, um parco entendimento sobre a alma de um grande músico.

Lanny me ensinou muito sobre a verdadeira música e alguma coisa sobre viver com paixão, sem medo do mergulho, por mais que as profundezas sejam revoltas.

Na minha concepção, talvez estreita, Lanny é genial, um espírito meio alienígena que veio nos ensinar algo.

E discípulos não faltam, basta citar que na grande lista de admiradores, constam figuras como Pepeu Gomes, que já declarou que Lanny foi e é o seu mestre; Sérgio Dias (eterno mutante), para quem Lanny está para o desenvolvimento da harmonia guitarrística, assim como Einstein está para a Física... Sem contar Gilberto Gil, que considera Lanny o guitarrista mais importante da história da MPB.

Esse é Lanny, um mestre, que já, há muito, deveria ter saído da penumbra.

Onde ouvir

Eduardo Araújo & Os Bons - Sim, Nem Não/Não Posso Dizer Adeus (compacto, 1968)
De Kalafe & A Turma - Mundo Quadrado/Guerra (compacto, 1968)
Suely & Os Kantikus - Esperanto/Que Bacana (compacto, 1968)
Brazilian Octopus - Brazilian Octopus (lp, 1969)
Gilberto Gil - 1969 (lp/cd, 1969)
Caetano Veloso - Caetano Veloso (lp/cd, 1969)
Gal Costa - Gal Costa (lp/cd, 1969)
Gal Costa - Gal Costa (lp/cd, 1969)
Gal Costa - Legal (lp/cd, 1970)
Anamaria & Maurício - No No No ... (lp, 1970)
Erasmo Carlos - Carlos Erasmo (lp, 1971)
Gal Costa - Fa-Tal, ao vivo (lp/cd, 1971)
Rita Lee - Build Up (lp/cd, 1971)
Tim Maia - Chocolate/Paz (compacto, 1971)
Tom Zé - Irene (1971)
Jards Macalé - Jards Macalé (lp/cd, 1972)
Gilberto Gil - Expresso 2222 (lp/cd, 1972)
Arnaud Rodrigues - Muritiri (LP, 1974)
Fábio Antero - Compartimento Etéreo (lp, 1981)
Aguilar & Banda Performática - Aguilar & Banda Performática (lp, 1982)
Catalau - Catalau (cd, 1997)
Jards Macalé - O Q Eu Faço é Música (cd, 1998)
Itamar Assumpção - Preto Brás (cd, 1998)
Vange Milliet - Vange Milliet (cd, 1995)

fonte: senhor f

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep 01041-000 - São Paulo - SP

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY DISCOS

http / www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Especializada em
Rock Progressivo e Hard-Prog

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro
Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

Tel/Fax: (21) 2551-1697

Rua Senador Vergueiro 218,
Loja 15, CEP: 22230-001
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

Como Comprar ROCK SULISTA

Se você tiver que adquirir apenas 10 álbuns, que sejam estes

Movimento nascido nas terras do Sul da América, mas que angariou adeptos mundo afora, o Rock Sulista norte americano tem algumas características básicas. Duelos incansáveis de guitarras, com algumas bandas chegando até a manter três guitarras solando ao mesmo tempo. Bandas com um número elevado de integrantes (sete ou oito em média), que quando saíam em tour pela América levavam todas as famílias transformando tudo numa caravana musical. Não havia uma separação entre a banda e a família (basta ver as fotos do disco *Brothers and Sisters*, do Allman Brothers Band). Esse tipo de união não foi adotado com tanta propriedade por nenhum outro estilo musical. Outra característica que sempre acompanhou essas bandas foram as tragédias. Morte era algo corriqueiro na jornada de grupos como Lynyrd Skynyrd, Allman Brothers Band, Marshall Tucker Band e outras.

É bom deixar claro que nesse artigo grupos com um estilo mais country-rock ficaram de fora, daí a ausência de maravilhas como o Flying Burrito Brothers, Poco, Byrds (fase country-rock) e até a primeira fase do Eagles. Aqui o papo é Southern Rock, recheado de guitarras e mais guitarras...

Aqui estão dez discos clássicos desse estilo não somente de Rock, mas também de vida...

1 *The Allman Brothers Band*
Eat A Peach (1972)

A banda que começou tudo em termos de Rock Sulista. O grupo dos irmãos Greg e Duane Allman foi o primeiro a resgatar as raízes mais ricas da música americana, mesclando-as com as novas tendências psicodélicas e com o rock mais pesado.

Eat A Peach (duplo em vinil) é o disco que tornava mais evidente essas diversas facetas do grupo, além de contar com uma perfeita e profissional produção a cargo do mestre Tom Dowd.

Duane havia morrido a poucos meses e Greg já mostrava toda a sua dor pela perda em "Ain't Wastin' Time No More", que abria o álbum em memorável estilo. A instrumental "Les Brers In A Minor" está entre as mais ousadas composições da banda, funcionando bem como um lamento para Duane. "Melissa" vem na seqüência e é "a balada" do Allman Brothers Band, sentimental e altamente melódica. No recheio desse grande disco temos ainda três faixas gravadas no lendário concerto do Fillmore East no ano anterior e que gerou um dos maiores discos ao vivo da história. "Mountain Jam", com seus mais de 33 minutos de duração ainda hoje continua a ser um testamento desta gloriosa fase do Rock, e ainda as versões "nervosas" para "One Way Out" e "Trouble No More"

Encerrando o álbum, mais três faixas de estúdio gravadas ainda com a participação de Duane. "Blue Sky", de Dickey Betts inspira qualquer paixão pela veia country do grupo e "Little Martha" em sua sublime e majestosa melodia acustica, traz ainda mais saudades do maior guitarrista do Rock Sulista norte-americano

2 *Lynyrd Skynyrd*
Pronounced 'leh-nérd-skin-nérd' (1973)

Esse foi o disco que estabeleceu um novo patamar na música que vinha do Sul da América. Em seu primeiro disco, Ronnie Van Zant e seus comparsas estrearam com o pé direito, trazendo uma produção inrrepreensível de Al Kooper e baladas como "Tuesday's Gone", "Simple Man" e o hino maior "Freebird", esta, uma homenagem a Duane Allman.

Após ter lançado esse clássico, executando-o sempre ao final dos seus shows, o Lynyrd passou a ser copiado por toda as demais bandas que surgiam no Sul, sendo uma questão de honra para todas elas criar uma música na linha de "Freebird", com encerramento em grande estilo, algo épico, capaz de representar o "espírito do grupo".

Outras maravilhas são "Gimme Three Steps", "I Ain't The One" e "Mississipi Kid", também obrigatórias nos shows do grupo.

Todos os elementos característicos das bandas do Sul estavam presentes nesse disco: as três guitarras afiadas, a simplicidade da vida sulista nas letras, a rusticidade na produção e as baladas bradando por uma eterna e simples ambição humana - a liberdade. Coisa fina...

3 *The Marshall Tucker Band*
The Marshall Tucker Band (1973)

Um dos pilares da cena southern dos anos 70, o Marshall Tucker Band era capitaneado pelos irmãos Toy e Tommy Caldwell, e se destacava das demais bandas por ter uma sonoridade que mesclava Rock, Jazz, e Country.

As longas Jams com um leve toque de psicodelia também eram constantes nos concorridos shows dessa banda nativa da Carolina do Sul. Um dos integrantes, Jerry Eubanks, além de fazer os vocais (junto com Doug Gray e o restante da banda que também cantava), era flautista e saxofonista. Esse "molho" era um dos principais atrativos do disco de estréia do grupo, datado de 1973.

Hinos do cancioneiro sulista como "Can't You See", "Take The Highway" e AB's Song marcam presença junto de maravilhas como "Hillbilly Band", "My Jesus Told Me So" e "See You Later I'm Gone".

É deixar rolar, pegar a estrada e soltar o cabelo ao vento. A trilha perfeita você já tem.

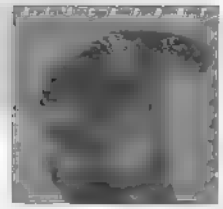
4 *Little Feat*
Little Feat (1971)

Um dos grandes clássicos esquecidos da história do Rock, o primeiro disco do Little Feat vendeu cerca de 10.000 cópias na época de seu lançamento, um fiasco para uma major do naipe da Warner Bros. Disparado o melhor registro do grupo, e quiçá uma das maiores estréias do mundo musical, o disco é comparado constantemente pelo fãs do grupo ao *Sticky Fingers* dos Rolling Stones (só para se ter uma idéia do nível em que estamos tratando)

A voz do líder maluco da turma, o ex-Mother Of Invention Lowell George, chega mesmo a lembrar a de Mick Jagger e a de Van Morrison em "Strawberry Flats", "Truck Stop Girl" e "Forty Four Blues". Já em baladas como "I've Been The One", "Brides Of Jesus" e "Takin' My Time", a musicalidade do grupo flui de forma arrepiante, uma mescla do talento peculiar de George e da competência instrumental do resto da trupe, simplesmente inacreditável!

George fundou o Little Feat junto com Roy Estrada, outro ex-integrante do Mothers Of Invention, e juntos colocaram a banda entre os principais nomes da cena Southern Rock da América (apesar do grupo ter surgido na Califórnia). O próprio Zappa ao ouvir a faixa "Willin" (aqui presente) encorajou George a formar o seu próprio grupo. Não deu outra, o Little Feat em sua estréia acabou sendo a perfeita celebração das loucuras americanas. Ah, e depois de ouvir o disco, não faça muito alarde, os fãs do grupo preferem manter essa maravilha meio que como um segredo! SShhhhhhhhh!

5 Blackfoot
Strikes (1979)



Os principais e mais pesados representantes da segunda geração do Southern Rock. Este é o terceiro disco do grupo e o primeiro de uma genial trilogia que trazia animais selvagens nas capas (em seguida viriam o disco da pantera, *Tomcattin'*, e o da águia, *Marauder*).

O "disco da cobra", como ficou conhecido aqui no Brasil, trazia além de belas composições próprias, três covers de tirar o fôlego: "Wishing Well" do Free (Paul Rodgers sempre foi a maior influência de Mr. Rick Medlocke), "I Got A Line On You" do Spirit e "Pay My Dues" do Blues Image.

Rick Medlocke era o vocalista/guitarrista/compositor e líder do Blackfoot. O mais curioso é que Medlocke já havia sido baterista do Lynyrd Skynyrd no início da década de 70, e hoje em dia voltou ao seio materno (o Lynyrd), onde continua detonando como sempre.

Outros destaques do disco são a balada "Left Turn On A Red Light", o andamento irresistível de "Run And Hide", a gaita e a paulada que é "Train Train", e, para encerrar, a apoteótica ode à estrada – "Highway Song", hino obrigatório que passou a encerrar os concertos da banda.

O Blackfoot foi também um dos maiores expoentes do rock sulista na Europa. Em constantes tours pelo velho continente, a banda deixava todo mundo louco com seu show pesado e energético. Não é à toa que no começo dos anos 80 os caras faziam extensas turnês ao lado de bandas de Metal como o Iron Maiden, Scorpions, Judas Priest e AC/DC.

6 ZZ TOP
Tres Hombres (1973)

A obra prima desses três malucos do Texas só pode ser o seu terceiro álbum, lançado em 1973. Com um repertório afiado a banda passou a ter projeção internacional devido ao sucesso de "La Grange", um irresistível boogie que levanta até defunto. Ela foi também a primeira canção do grupo a pintar no Top 10 norte-americano. Billy Gibbons já demonstrava ser um guitarrista de mão cheia e fazia a festa em temas como "Move Me On Down The Line", "Master Of Sparks", e na dupla "Waitin For The Bus / Jesus Just Left Chicago" que abria o álbum. Mas não era só de boogie e blues que respirava *Tres Hombres*. "Hot Blue And Righteous" é uma balada irretocável (que sem dúvida inspirou "Purple Rain", do Prince) e "Shiek" traz influências psicodélicas em seu final, resultado da bagagem de Gibbons em sua banda anterior, o Moving Sidewalks.

Covenhamos: uma banda com uma música chamada "Beer Drinkers And Hellraisers" só pode ser mesmo genial!

Ponto para o vinil: prefira a versão em LP de *Tres Hombres*. A reedição do disco no formato digital foi totalmente regravada pela banda no final dos anos 80, dando um ar moderno e desprezível ao trabalho original.

7 The Charlie Daniels Band
Fire On The Mountain (1974)

Verdadeiro orgulho sulista, Charlie Daniels acertou em cheio nesse seu quarto álbum. Aqui estão preciosidades como a balada "Georgia", o groove caipira de "Trudy" e "New York City King Size Rosewood Red", a latinidade de "Caballo Diablo", e a bela "Long Haired Country Boy" (contando com a participação especial de Dickey Betts do Allman Brothers Band).

Quem curte Lynyrd Skynyrd e Allman Brothers Band com certeza irá viajar no som de *Fire On The Mountain*.

Um hino do Rock Sulista norte-americano é a música "The South's Gonna Do It", onde a letra traça um panorama da cena da época. Nomes como o do próprio Lynyrd Skynyrd, ZZ Top e Barefoot Jerry são exaltados na canção, enquanto um duelo piano/violino deixa os nossos sentidos aguçados.

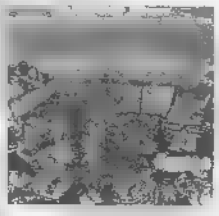
Charlie Daniels é o responsável por um dos maiores eventos do Rock Sulista, o Volunteer Jam, que é um concerto realizado anualmente em Nashville desde 1975 e traz participações de peso como integrantes das principais bandas sulistas.

8 Ozark Mountain Daredevils
Ozark Mountain Daredevils (1973)

Primeiro disco desse combo caipira do Missouri e, apesar dos maiores hits da banda constarem no seu segundo álbum (*It'll Shine When It Shines*), o primeiro ainda ganha em se tratando de Rock Sulista. O OMD fazia um som bem refinado e de qualidade acima da média como pode ser conferido nas músicas "Spaceship Orion", "Colorado Song" e "Road To Glory". Tamanha qualidade era resultado também do esmero e cuidado que o experiente produtor Glyn Johns oferecia à banda nesse primeiro disco. A repercussão foi tão boa que as rádios da América passaram a tocar a música da banda, que chegou a ser comparada por alguns críticos ao Pop requintado do Steely Dan. Randle Chowning era o líder do grupo, fazendo os vocais, guitarras e mandando uma sentida gaita em faixas como "If You Wanna Get To Heaven", "Country Girl", "Chicken Train" e "Black Sky".

O Ozark Mountain Daredevils liderou uma vertente mais Pop do Rock Sulista. Longe da agressividade de um Blackfoot ou de um Molly Hatchet, o grupo atraía um novo público para a música que vinha do Sul. Cinco estrelas fácil.

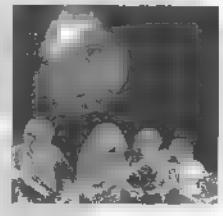
9 Barefoot Jerry
You Can't Get Off With Your Shoes On (1975)



Esse desconhecido grupo do Tenesse era liderado pelo experiente Wayne Moss, que "regia" o grupo tocando guitarra, piano, baixo, além de fazer também os arranjos de cordas e os vocais. Moss já havia trabalhado como "session-man" no clássico *Blonde On Blonde*, de Bob Dylan, o que já lhe dava credibilidade suficiente para formar seu próprio projeto.

O grupo foi formado em 1971 e esse disco é o quarto na discografia da banda. Os destaques são a maravilha melódica "West Side Of Mississipi", o southern das arábias "Ali Baba" e sua contagiante levada, a instrumental "Boogie Woogie", a pesadíssima versão de "Lucille" (da verdadeira rainha do Rock – Little Richard), o Moog da bela balada "Hero Frodo" e o funkaço de "Sinkin' In The Sea". A faixa de encerramento, "Cades Cove", é emocionante de tão bela e delicada, tornando esse álbum um daqueles impossíveis de se enjoar devido à riqueza e diversidade de ritmos, nuances e andamentos em praticamente todas as composições. A banda quase não fazia shows e se concentrava apenas na produção em estúdio. Moss e seus companheiros andavam muito ocupados, vez que eram constantemente requisitados por grandes nomes da música, o que era uma pena, já que qualidade musical nunca faltou no Barefoot Jerry. Dica: a gravadora inglesa See For Miles relançou em 1997, o *You Can't Get Off With Your Shoes On* junto com o também essencial *Watchin' TV* (o anterior na discografia deles) juntos num só CD. É difícil de encontrar mas vale a garimpagem.

10 Outlaws
Bring It Back Alive (1978)



Desde o maravilhoso ao vivo *At Fillmore East*, do Allman Brothers Band, toda banda sulista que se prezasse tinha que gravar um visceral duplo ao vivo para ser respeitada, afinal de contas era no palco que as bandas do Sul mostravam sua garra e os seus maravilhosos "ataques guitarrísticos".

Conhecido como o "exército das quatro guitarras" sendo que uma delas, na verdade, era um baixo, o Outlaws sempre foi chefiado pelo guitarrista Hughie Thomasson, hoje no Lynyrd Skynyrd. O rapaz formou o grupo na Flórida em 1972 e lançou três bons discos de estúdio até apostar tudo nesse genial registro ao vivo. Aqui as afiadas guitarras brilham durante todo o disco, e os destaques são o hit "There Goes Another Love Song", a passagem jazzística de "Freeborn Man", o emaranhado de guitarras em "Holiday" e o hino "Green Grass And High Tides", aqui em sua versão definitiva com 20 minutos de duração e dedicada aos integrantes do Lynyrd Skynyrd mortos naquele famoso acidente aéreo, em 1977. Emocionante! A tragédia também alcançou o Outlaws em 1985, quando dois ex-integrantes do grupo, o baixista Frank O'Keefe e o guitarrista Billy Jones, morreram num intervalo de três meses. Green Grass And High Tides Forever!

PATRULHA DO ESPAÇO

Chame ao que você quiser: persistência, garra, fé no Rock N' Roll, demonstração de amor, tudo isso se mistura com a história da Patrulha do Espaço. A lendária banda paulistana está lançando seu novo trabalho, *Missão na Área 13*, recheado de novidades e fortes composições. As referências à sonoridade dos anos 70 são incontáveis, dando um sabor todo especial a esse lançamento. É com imenso prazer que trazemos a primeira entrevista realizada pela poeira Zine. Rolando Castello Júnior, Luiz Domingues, Marcello Schevano e Rodrigo Hid, sintam-se em casa...

pZ - Qual o significado do nome "Missão na Área 13"?
Júnior - São dois motivos. O primeiro significado é uma alusão ao trabalho que a Patrulha vem realizando nestes últimos quatro anos e na sua história passada. Trabalho este que nos últimos anos, desde que a Patrulha voltou à ativa, compreendem quatro cd's, quase duzentos shows, milhares de quilômetros rodados, centenas de horas de ensaios, gravações e shows. Tudo isso dentro do esquema independente numa verdadeira profissão de fé e em comunhão com a nossa equipe e centenas de colaboradores por onde andamos e produzimos a go. Enfim, uma verdadeira missão de amor e compromisso com o rock e nossos ideais, digamos vintage. Quanto ao *Área 13*, é simplesmente o nome do estúdio em que gravamos o disco, em dez dias, em São José do Rio Preto logo em seguida ao final da Compacto Tour em Santa Catarina e interior do estado de São Paulo. Um puta trampo e mais uma missão cumprida, ademais, talvez a Área 13 seja uma parente não muito distante da Área 51, em Roswell.

pZ - Vocês gravaram o disco num sítio em Rio Preto (interior de SP), qual a razão dessa escolha e no que ela veio a refletir no álbum?
Júnior - A escolha foi feita porque acho que é o sonho de todo rocker gravar no meio do mato, além do que, queríamos resolver logo o assunto da gravação e não ficar meses para gravar um disco de maneira mais tradicional em algum estúdio em Sampa, com todas as distrações e stresses inerentes da vida pessoal de cada um na capital. Nesse esquema que gravamos apesar de mais desgastante do ponto de vista de carga de trabalho, o trabalho foi mais focado, mágico e relaxante pelo lugar em si. Toda a operação foi planejada para a gravação acontecer com a banda rendendo em seu pique máximo de trabalho. Em novembro de 2003 ensaiamos para o CD e fomos para Santa Catarina, voltamos, ensaiamos e finalizamos alguns temas. Fomos para o interior de São Paulo, tocando, até chegar em Rio Preto e gravar, ou seja, não foi algo à la "Footstompin' Music", do Grand Funk, e sim "NonStop Music", à la Patrulha.

pZ - A mini-suíte "Anjo do Sol" é puro prog-setentista com Moog e tudo mais. Como é a manutenção desse tipo de instrumento e quais os cuidados que devem ser tomados ao levar essas "raridades" para a estrada?
Júnior - Tempos modernos. É com imenso pesar que te informo que apesar de soar como um Moog, não é um Moog, e sim um teclado. Justamente por causa desse fator transporte e manutenção nós paramos de viajar com a "tecladeira" mais pesada. Já usamos anteriormente Hammond e até Leslie em alguns shows e acabamos substituindo por um Oberheim. Temos ainda um Fender Rhodes e o Moog, que também acabam sendo simulados no teclado.

pZ - "One Nighter" vem com guitarras pesadíssimas e sonoridade bem moderna no seu início. Depois a coisa muda e tudo vira um groove bem dançante. De bandas mais novas, o que vocês tem ouvido ultimamente?

Júnior - "One Nighter" foi uma das últimas músicas que compusemos para o disco, uma verdadeira "saideira" dos ensaios antes da estrada e gravação. Ela realmente tem essa onda peso e um groove meio funk, soul, sei lá o que, mais com certeza sem nenhuma referência com Link n' Park ou algo mais moderno. De bandas novas temos ouvido Grand Funk Railroad, MacDonald and Giles e outras novidades que rolam por aí.

Marcelo - De bandas mais novas eu curto muito o Govt Mule, o Black Crowes e o The Freewheelers.

pZ - A faixa "Phrãna" traz um belíssimo e melódico violão bem no estilo clássico, até mesmo Flamenco. Essa riqueza musical vem de diversas influências certo? Gostaria que vocês citassem algumas delas.

Rodrigo - Pra ser sincero, esse lance é natural. Eu estudei violão clássico quando moleque e é daí que vem essa influência. No mais eu adoro Flamenco também.

pZ - A melódica e confessional "Tão Perto Tão Distante", a psicodélica "Véu do Amanhã", a linda balada "Trampolim" e a mística "Phrãna" são de arrepiar, e, na minha opinião, estão entre as melhores composições do grupo. Aliás, tenho conversado com fãs "das antigas" da Patrulha e muitos compartilham da mesma opinião, de que a formação atual é a melhor que a banda já teve. Como está sendo atravessar por uma fase tão boa e ainda ter o pique de lançar um disco por ano?

Júnior - Com certeza esta formação é maravilhosa, mas dizer que é a melhor, isso realmente são os fãs que decidem ou não. Para mim cada fase ou formação da banda tem sua magia e seu momento. Realmente é uma excelente fase devido ao talento individual de cada um, mas não podemos esquecer que estamos tocando juntos direto faz quatro anos e isso faz a diferença, inclusive as bandas novas tem que se ligar nisso, tem que haver muita dedicação e respeito ao trabalho para se chegar numa condição de rendimento musical ótima e ainda segurar o stress da estrada e as condições adversas a esse tipo de música no Brasil. Quanto ao pique de um disco por ano é graças a muito, mas muito trabalho mesmo de organização e produção praticamente "full time" para a banda.

pZ - A tour de promoção do disco está prevista para começar quando? E por onde ela passará?

Júnior - A *Missão na Área 13 tour* começa em maio de 2004 com uns quinze shows nas capitais e interior de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, algumas outras datas em Minas, Goiás, Brasília e Rio de Janeiro e talvez umas cinco capitais do nordeste e *finito questa* estória da Missão.

pZ - Luiz, o baixo está com um timbre inacreditável! Que tipo de equipamento você usou nas gravações?
Luiz - Antes de tudo agradeço o elogio, pois sei que parte de alguém que entende muito da matéria. Além do mais, o fato de termos obtido um timbre excelente do baixo, assim como de todos os instrumentos representou a nossa vitória em sermos 100% fiéis aos timbres vintage, ou seja, o cumprimento de nossa meta em fazermos rock inspirado nos anos 60 e 70. Quanto ao baixo em específico, usei o meu kit básico ao vivo: Amplificador Gallien-Krueger 400-RB, acoplado a duas caixas Ampeg (1 x 15" e 4 x 10"); um baixo Fender Precision ano 1969 e 1 Rickenbacker 4003 ano 1980. Gravei com dois canais. Um, direto da linha e o outro microfonado das caixas. Em algumas músicas houve um terceiro canal reforçando, que passava por um rack de efeitos chamado "Sam's Amp".

pZ - A Patrulha vai para cinco anos com essa formação, se firmando como um dos principais expoentes do verdadeiro Rock N' Roll no Brasil. Dois integrantes são bem experientes e verdadeiras lendas do cenário roqueiro nacional. Os outros dois são jovens e muito talentosos. Já chegou a rolar tipo um "duelo de gerações" dentro do grupo?
Júnior - Nós voltamos a tocar em 1999, mas o forte mesmo de estrada começou em 2000. Meu chapa, posso te garantir que ralamos o traseiro na estrada entre 2000 e 2002. Já 2003 foi mais "low profile", por opção, então estamos juntos já há cinco anos, um ano namorando e quatro ralando, agora "here we go again"! De vez em quando rola um duelo ou um tiroteio aqui ou ali, mas nunca por motivos musicais, quanto a isso a nossa relação independe da idade: é uma relação atemporal. A música não tem idade, sexo ou cor, é como se fôssemos "old teens" e "teens oldies", e a sonoridade do álbum reflete o ecletismo das nossas influências musicais, que são muito parecidas.

pZ - *"Não sei tocar cuíca nem mesmo pandeiro... Com guita, baixo e batera me torno um roqueiro..."*

Missão na Área 13 - Patrulha do Espaço - Independente

Que alegria poder constatar que a Patrulha continua firme e forte, lançando uma incrível média de um disco por ano (o anterior, *.Compacto,* saiu em 2003), de forma independente, ou seja, fazendo boa música sem ter rabo preso com ninguém. Quem ganha são os ouvintes, que podem mergulhar de cabeça nessa nova missão dos caras.

Tem para todos os gostos: pura festa roqueira em "Rock com Roll", "Vou Rolar" e "Sr. Empresário". Baladas com alto teor de inspiração ("Trampolim" e "Tão Perto Tão Distante"), a psicodelia progressiva de "Véu do Amanhã", virtuosismo instrumental na setentista "Anjo do Sol" e até mesmo influência clássica e flamenca na mística "Phrãna". Os timbres também são um caso à parte, principalmente o baixo matador de Luiz Domingues, e as guitarras (mais tecladeiras) de Rodrigo Hid e Marcello Schevano. Para encerrar, "For Loonies Only", mais um solo do grande Rolando Castello Júnior, considerado uma instituição percussiva do nosso Brasil.

Com cinco anos de ensaios, estrada, gravações e muita dedicação, a atual formação evolui de forma espantosa a cada disco, deixando os fãs extasiados com novas composições que resgatam influências da música dos anos 60 e 70, com a maestria e o cuidado de não soar como um "dinossauro".

E vamos continuar nossa missão em prol da boa música...

É glorioso ouvir isso na abertura de "Rock com Roll", essa estrofe define bem o estilo da banda! Como é viver de Rock N' Roll na terra do Samba?
Júnior - It's fucking hard. Como a gente diz na banda, "Rapadura é doce mas não é mole não" Ainda assim, dá para sobreviver de rock no Brasil porque existem milhares de pessoas que curtem o rock, digamos, clássico. Graças ao reconhecimento dessa galera é que a Patrulha está no ar. É por essa galera que a banda existe e é aí que reside o que vejo como o ideal da missão.

pZ - Para encerrar gostaria que vocês mandassem um alô para todos os leitores da poeira Zine...

Júnior - Para mim a galera do Poeira é a minha galera que curte o que eu curto, e com certeza deve curtir a Patrulha, então estamos em família. Ademais, tenho certeza que o editor do Poeira está consciente do sentido da sua missão!

Luiz - Eu considero a Poeira a melhor revista de rock do país por vários motivos, mas vou ressalvar um que é também uma característica da Patrulha, que é a capacidade de resgatar a melhor música do melhor tempo, sem com isso se tornar nostálgico. Fazemos rock de verdade aqui e agora e todos os leitores do Poeira estão convidados a ouvir o nosso álbum e conferir o nosso som ao vivo...

Contatos:
patrulharock@hotmail.com
Caixa Postal 45367 CEP:04009-970

METAL
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br
CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS
Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500
Atendemos pelo correio para todo o país
Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

vertigo
cultural
sebo
LIVROS DISCOS CD's
compra - venda - troca
(11) - 4427 8053
Rua Álvares de Azevedo, 60
Santo André - SP

PROG IN CONCERT
WWW.PROGINCONCERT.KIT.NET
Yessongs
Genesis Live
Pink Floyd Cover
Jethro Tull Cover
The Central Scrutinizer Band
Steve Morse Cover
Dream Theather Cover
Marillion Cover
Rush Project
Acompanhe em nosso site a programação dos shows das melhores bandas de rock progressivo de São Paulo.

HONK TONK
Instrumentos Musicais e Acessórios
- Usados com qualidade
ACEITAMOS SEU INSTRUMENTO COMO PARTE DE PAGAMENTO
- Raridades nacionais e importadas
- Facilitamos seu pagamento (cheque ou cartão)
tel. 11 3088 6060
fax. 11 3082 5182
Não deixe de nos consultar
Teodoro Sampaio, 884 - Pinheiros - S. Paulo SP

Pérola Escondida

Grupo formado em 1970 permanece completamente esquecido até pelos amantes do Hard Rock setentista

BOOMERANG

No final do ano de 1969 estava tudo acabado para o Vanilla Fudge. Foi neste ano que, eles lançaram o seu último álbum, *Rock N' Roll*. Devido a crises internas e perda de território para a nova geração do hard americano (Grand Funk, Mountain, Bloodrock), o jeito era dar um tempo mesmo.

Os quatro integrantes, então,começaram a "mexer os pauzinhos" e montaram novos grupos e projetos para a promissora década que surgia. Carmine Appice e Tim Bogert formaram o Cactus junto com dois figuras carimbadas da cena roqueira da cidade dos motores, Jim McCarty (ex-Mitch Rider and the Detroit Wheels e Rusty Day (ex-Amboy Dukes). O guitarrista do Vanilla Fudge, Vinnie Martell chegou até a receber uma oferta para tocar com Jimi Hendrix, o que só não rolou porque Hendrix morreu antes. E o líder, tecladista e vocalista do Vanilla Fudge, Mark Stein, formou um combo para tocar Hard pesado, um estilo que era sua verdadeira paixão, sobre o nome de Boomerang.

O lance era competir com as novas bandas da América e também, quem sabe, até com as inglesas. Stein era muito influente na época e amigo do pessoal do Led Zeppelin (não é a toa que ele estava envolvido naquele mitológico episódio da orgia com peixes marinhos e groupies promovido pela banda inglesa).

Esses contatos de Stein renderam de cara um contrato com a RCA para o lançamento da estréia do Boomerang em 1971. O resto da banda consistia em Jo Casmir (baixo, vocais), Richard Ramirez (guitarra) e James Galluzi (bateria).

O estilo do grupo surpreendia logo de cara, com Stein e Casmir dividindo os vocais genialmente, técnica que seria "chupada" pelo Deep Purple em sua formação com David Coverdale e Glenn Hughes lá pelos idos de 1973 / 74. Basta ouvir o disco para confirmar a absurda semelhança das vozes.

O disco abre com a vigorosa e cavernosa "Juke It", uma paulada com órgão e guitarra pra lá de pesados. O trabalho de guitarra de Ramirez (com apenas 16 anos de idade) é genial e chega a lembrar o mestre Jimmy Page por volta de 1968/69, ou seja Led I e II meu chapa! Quem curte o estilo Hard do início da década de 70 já começa a vibrar logo na primeira faixa. "Fisherman" vem na seqüência e traz um feeling agradável, típico das baladas da época. Aqui já pintam os duetos vocais de Stein e Casmir.

A próxima é "Hard Times", que começa acústica e com vocais altíssimos (como Stein já fazia no Fudge). O arranjo e a linha de baixo surpreendem, assim como o solo de guitarra gravado de trás pra frente de Ramirez. O clima continua alto com "Mockingbird" (não confundir com aquela maravilha homônima do Barclay James Harvest), que você jura estar ouvindo Coverdale e Hughes na melhor fase. Inacreditável!

Em "Cynthia Fever" o timbre da voz de Casmir nos remete aos bons tempos de Trapeze e com não outro senão Mr. Glenn Hughes nos vocais. A semelhança chega a ser engraçada! Já a épica homenagem ao veteranos da guerra do Vietnã, "Brother's Comin' Home", traz belas orquestrações e o piano de Stein, provando que a RCA até investiu uma grana com os rapazes, o que infelizmente acabou não refletindo na reputação comercial do grupo, que nunca existiu para o grande público.

Esse grande disco termina com "The Peddler", apostando firme no peso e na cadência tradicional do Hard setentista.

Stein depois ainda tocaria com Alice Cooper (em sua tour pela Austrália e Nova Zelândia em 1977), Tommy Bolin e Dave Mason entre outros e também promoveu retornos do Vanilla Fudge nos anos 80 e ainda recentemente. Os demais integrantes simplesmente desapareceram, inclusive o jovem guitarrista Ricky Ramirez, que prometia bastante pelo que apresentou nesse álbum. Coisas do Rock, enfim...

Boomerang / RCA (1971)

Produção: Boomerang
Produção Executiva: Bob Ringe
Estúdio de gravação: RCA Studio B, New York City
Engenheiro de som: Gus Mossler
Técnicos de gravação: Pat Martin, Mike Hartry e Dick Baxter
Orquestração: Billy Arnel

Formação:
Mark Stein (vocais / órgão / piano)
Richard Ramirez (guitarra elétrica e acústica)
Jo Casmir (baixo / vocais)
James Galluzi (bateria)
Faixas:
Juke It / Fisherman / Hard Times / Mockingbird / Cynthia Fever / Brother's Coming Home / The Peddler.

Notas:

O press-release distribuído pela RCA na época garantia que o guitarrista Ricky Ramirez tinha apenas 16 anos de idade quando gravou esse disco.

A RCA apostou na banda lançando dois compactos também em 1971. Um era "Juke It" (editada), contando com "Hard Times", no lado B, e o outro compacto trazia a faixa "Mockingbird" com a inédita "Montreal Jail", no lado B.

Fontes confiáveis também garantem que o Boomerang gravou um segundo disco em 1972 que foi arquivado pela gravadora e permanece inédito até os dias atuais.

O disco foi um fracasso de vendas na época e dizem que o grupo sequer conseguiu excursionar pela América em função desse fracasso comercial.

Situação: Foi lançado em LP nos EUA, na Europa e no Japão pela RCA em 1971. Em CD chegou a sair na Alemanha pela GEMA/Black Rose Records sobre o rótulo de "Progressive Rock", em meados da década de 90. Também foi relançado em CD remasterizado na Suécia em 2001, mas pode ser considerado uma raridade em ambos os formatos.

Bom para quem curte: Led Zeppelin (dos três primeiros discos), Deep Purple MK III (Coverdale/Hughes), Vanilla Fudge, Grand Funk Railroad, Trapeze (com Glenn Hughes) e Bloodrock.

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco

Rock dos anos 60, 70, e 80

www.feirabeneditocalixto.com.br/ctrips.htm
jmcpacheco@hotmail.com

CD's & LP's / Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Seboland Compra e Venda
LP's e CD's Usados
Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

Flower Power records
RARIDADES EM GERAL
PSICODELIA - PROGRESSIVO - HARD - SOUL - BLUES - MPB
(48) 224 6656 flowerpowerrecords@yahoo.com.br
rua Tenente Silveira,111 / 3º andar / loja 303 / Florianópolis / SC

DR. ROCK
dr.rock@ig.com.br

ROCKER TATTOO COMICS
CD's - LP's - VHS - Camisetas - Revistas - Gibis
Hard - Heavy - Classic Rock
Tatuagem Piercing Henna
Iguaçu Center
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480 - Lj. 112 - Centro - N. Iguaçu - RJ
Cep: 26220-060 / Telefax: (21) 2768-1009 / 9877-4097

OLD TIME BAR DO AMADEU
QUALITY
Vila Madalena
SOUR MASH
WHISKEY
100% Rock´n´Roll
março
07/03 Quarteto Hermeto
14/03 Marcelo Watanabe
21/03 Padres do Deserto
28/03 Freak !
Todos os dias música ao vivo com o melhor do Rock dos anos 60 e 70
Rua Mourato Coelho, 1151 - Vila Madalena - São Paulo - SP - Tel: 3814-0671

CONFEITARIA SÃO GABRIEL
Bolos - Doces - Salgados
Aceitamos encomendas para festas !
3885-8878
3887-9319
3887-4886
Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Rocks off
Fone: (11) 3815-6736
CD's Nacionais e Importados - DVD's - Camisetas
Fitas VHS - ETC. e tal
Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

MUSEU DO VINIL
LP'S e CD's
telefones 5062 6387 / 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

Laticínios Nossa Roça
Fone/Fax: (11) 4412-8567
Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

FLOWERS
Cd's - VHS
DVD's
Nacionais e Importados
USA - EUROPE - JAPAN
Record's Brazil
Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal
Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop,
Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB
COMPRA - VENDA - TROCA
Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B. Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone:(0xx81)3231.5846
e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
http://www.flowersrecords.cjb.net/
Caixa Postal:1212 CEP:50060-040
Recife - PE

Å BARATÅ
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE
5 ANOS!
ROCK É ATITUDE!
Confira a coluna do Poeira em www.abarata.com.br/colunas/poeira

O mais completo site de Rock!
http://whiplash.net
ATUALIZADO DIARIAMENTE
Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Escrevo o tempo todo ouvindo música. Não só escrevo, como faço tudo ouvindo música. Desde minha adolescência tenho esse costume. Acordo e já coloco um disco pra rolar. Quando vou dormir pego no sono ouvindo outra canção, já virou mais que uma simples mania.

É engraçado como o Rock N' Roll nos remete a nossa adolescência. Bastam os primeiros acordes para você se sentir com 13 anos de idade novamente, pronto para conquistar o mundo e desafiar tudo o que vier pela frente. E nada melhor do que "The Kids Are Alright", do The Who, (música que estou ouvindo no exato momento) para nos levar a uma época em que o Rock era ao mesmo tempo perigoso e ingênuo: os anos 60.

Como um dos principais objetivos da poeira Zine é não deixar você esquecer os grandes nomes e os grandes acontecimentos da música, presto a minha sincera homenagem ao mais impactante fenômeno musical da história – a invasão das bandas inglesas na América iniciada em 1964, conhecida mundialmente como "British Invasion".

Há 40 anos, como Lennon disse, o "sonho" estava só começando e é justamente esse período maravilhoso que irei abordar nas páginas desta edição. (A grande mídia, como é de praxe, deverá ignorar este acontecimento marcante).

Quando o assunto é passar a limpo um movimento tão importante e grandioso, a primeira preocupação que vem à mente é: quais bandas serão abordadas na matéria?

Como em todas aventuras desse tipo, muitos nomes foram obrigados a ficar de fora e mesmo em um livro de 200 páginas essas omissões ainda seriam corriqueiras. Resolvi utilizar, então, os seguintes critérios:

1- Abranger somente o período de 1964 até 1966, sendo que bandas que obtiveram sucesso após esse período ficaram de fora.

2- Escolher 30 bandas e artistas com as características em comum do período, sejam eles Beats, Mods, ou adeptos do R&B. Daí a ausência de artistas blueseiros como John Mayall e Alexis Korner.

4- Preferência às bandas que causaram um certo impacto na cena musical e social da América.

Também bolei um guia para quem quiser se aventurar no Rock Sulista norte-americano dos anos 70, satisfação garantida! Trago também uma entrevista com o pessoal da Patrulha do Espaço, que está com um disco na boca do forno e aproveito para apresentar convidados mais do que especiais.

O mestre e especialista em música dos bons tempos, Paulo Cavalcanti, aborda algumas de suas paixões sessentistas, The Who e The Hollies. Já que o assunto é paixão, temos também o estudioso e lendário Ayrton Mugnaini Jr. passando a limpo a carreira do Gerry & The Pacemakers. Vladimir Dantas fala sobre os Kinks, Nilia e Pepe sobre o Dave Clark Five e Rafael Martinelli dá uma geral na obra do grande e esquecido Lanny Gordin, um dos mestres da guitarra elétrica na terra do cavaco!

Em fevereiro último a poeira Zine completou um ano de atividade e gostaria de agradecer especialmente a você leitor por compartilhar comigo dessa paixão pela música dos bons tempos. Para quem respira música durante 24 horas do dia eu dedico essa edição...

E que os nossos garotos sempre passem bem...

Bento Araújo **28/02/2004**